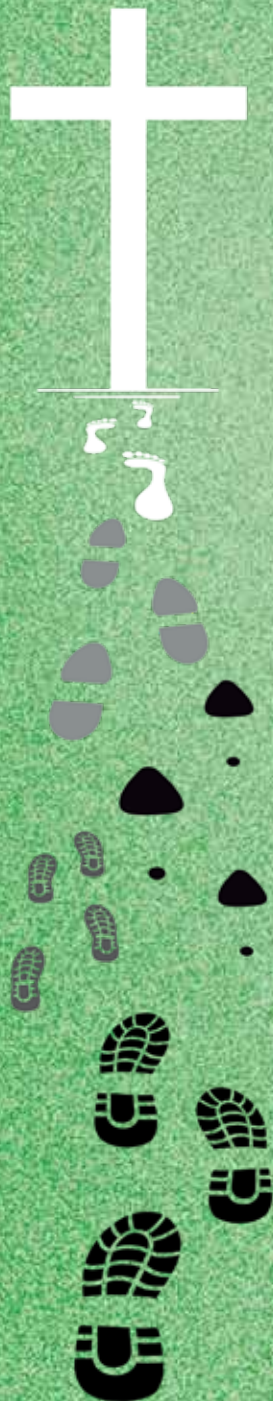
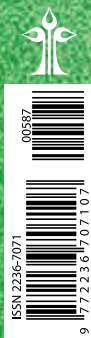


Exemplar avulso: R\$ 23,60



CAMINHO DO DISCIPULADO

Perigos da
oikofobia

Vida em
comunidade

Chamados
para quê?



UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

SET-OUT.2026



A ESSÊNCIA DO DISCIPULADO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Há alguns anos, a Universidade Peruana União, em Lima, sediou a 13ª edição do Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, cujo tema foi “Discipulado: Teologia e Práxis”. Entre as conclusões do encontro, uma se destaca por sua simplicidade e profundidade: “Discipulado é seguir a Jesus; é caminhar com Ele desde a conversão e ao longo de uma vida de crescimento e testemunho” (Mt 16:24; Jo 15:1-8).

Essa definição mostra que o discipulado não é um programa da igreja, mas um estilo de vida. O próprio ministério de Cristo ilustra essa verdade: Ele passou mais tempo treinando 12 homens do que pregando às multidões. Sua estratégia para alcançar o mundo foi investir em um núcleo de seguidores, capacitando-os para dar continuidade à missão. Por isso, o discipulado é uma arte que envolve relacionamento, influência e multiplicação.

Corremos o risco de transformar o discipulado em mais um departamento da igreja, ao lado de tantos outros. Biblicamente, porém, ele é o fundamento sobre o qual se organizam todos os ministérios. Escola Sabatina, pequenos grupos, evangelismo público e ministérios de serviço existem para conduzir pessoas a uma caminhada mais profunda com Cristo. O discipulado não é apenas uma prioridade entre outras, mas a estrutura que dá propósito a todas elas.

Essa compreensão encontra sólido fundamento nas Escrituras.

O verbo hebraico *hālakh*, geralmente traduzido como “andar” ou “caminhar”, aparece mais de 1.500 vezes no Antigo Testamento. Embora frequentemente descreva um deslocamento físico, seu uso mais comum é figurado, referindo-se ao modo de viver. Andar com Deus significa conduzir a vida segundo Sua vontade, tendo-O como companheiro de jornada.

Por isso, após libertar Israel do Egito, Deus convidou Seu povo a andar em Seus caminhos e guardar Seus mandamentos (Dt 10:12, 13; 26:17). Não se tratava apenas de obedecer a regras, mas de viver em constante comunhão com o Senhor. O discipulado bíblico, portanto, não é uma experiência meramente intelectual ou emocional, mas uma caminhada diária com Deus.

O verbo *hālakh* está intimamente ligado ao substantivo hebraico *derekh* (“caminho”), que aparece cerca de 700 vezes no Antigo Testamento. A Bíblia apresenta a vida como uma jornada. O verdadeiro discípulo é aquele que escolhe trilhar o

“caminho do Senhor”, o “caminho da justiça” e o “caminho da vida”, moldando sua conduta pelos princípios divinos (Gn 18:19; Pv 12:28).

Entre os personagens bíblicos, poucos ilustram essa realidade tão bem quanto Enoque. Duas vezes as Escrituras afirmam que ele “andou com Deus” (Gn 5:22, 24). Em uma geração marcada pela corrupção moral, Enoque desenvolveu uma relação tão profunda com o Senhor que sua vida se tornou um testemunho singular de santidade. O resultado? “Deus o levou para junto de Si”. Essa não é uma experiência reservada a personagens bíblicos extraordinários, mas o convite divino a todo cristão.

Talvez você esteja mais concentrado em programas do que em pessoas, ou em eventos do que no discipula-

do. Deus nos chamou para andar com Ele e, então, convidar outros a seguir Seus passos. Menos palco e mais mesa; menos holofotes e mais diálogo; menos discurso e mais pastoreio. Ellen White escreveu: “Aquele que, ao entrar para o ministério, não se dispõe a fazer o trabalho pessoal que o cuidado do rebanho requer está equivocado com relação ao seu chamado” (*Atos dos Apóstolos* [CPB, 2021], p. 335).

Como você responde, hoje, ao convite de Cristo: “Segue-Me”? ■

“
**Andar com
Deus significa
conduzir a vida
segundo Sua
vontade.**”



8

A identidade missionária da igreja

Amin Rodor



12

O pastor e o evangelismo pessoal

Paulo Godinho



16

Perigos da oikofobia

Adolfo Suárez



21

Vida em comunidade

Vinícius Armele

25

Formação integral do discípulo

Cristhian Álvarez Zaldúa



28

Chamados para quê?

Otávio Barreto



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 98 – Número 587 – Set/Out 2026
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e Layout Fábio Fernandes

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Carlos Gill; Otávio Barreto; Jônatas Leal; Pablo Ale; Jongimipi Papu; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor; Claudiney Santos; Cristhian Zaldúa; Daniel Ibarra; Edison Choque; Elieser Vargas; Francisco Abdoval; Guillermo Efrain; Henrique Gonçalves; Javier Ayala; José Erinaldo; José Wilson; Luis Mário; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Otmar Gonçalves; Reginaldo Irala.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatui, SP

Presidente Wilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 114,90
Exemplar Avulso: R\$ 23,60

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

5960 / 51892



SMC CPB / Alamy (Brazil) Imagery Center 2014



Dê
play
e reúna
quem você AMA

cpbplay.com.br



Escreva para a MINISTÉRIO



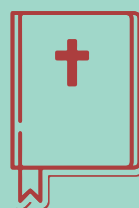
ministerio@cpb.com.br

AaI

Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain
Revelation* (Berrien
Springs, MI: Andrews
University Press,
2013), p. 46.

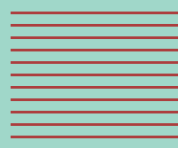
Insira **notas** de
fim de texto



Use a versão
bíblica **NAA**



Envie uma foto
pessoal em alta
resolução



Escreva textos de
8 mil até **12 mil**
caracteres com
espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Carlos Gill
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul



MINISTÉRIO DISCIPULADOR

Em abril de 2001, o pastor James Cress publicou na revista *Ministry* um artigo com valiosas reflexões sobre o ministério pastoral. Nele, afirmou que o pastor é chamado, primeiro, para ser discípulo e, depois, para fazer discípulos. A frase parece simples, quase óbvia, mas nos conduz de volta ao centro do nosso chamado.

Na perspectiva bíblica, um discípulo é alguém que ouviu a voz do Mestre e decidiu organizar toda a sua vida em torno de Cristo. Nos evangelhos, o discipulado nasce de um convite: “Venham Comigo” (Mt 4:19). Esse chamado envolve proximidade, aprendizado, obediência, transformação e missão. O discípulo contempla Jesus, recebe Sua Palavra, aprende Sua maneira de amar e permite que o Espírito Santo reproduza nele o caráter do Mestre.

Em nossa compreensão adventista, essa experiência tem um centro luminoso: Cristo. Contemplamos Cristo na cruz, onde Sua graça nos alcança; contemplamos Cristo no santuário celestial, onde Sua intercessão nos sustenta e transforma; contemplamos Cristo em Seu retorno glorioso, cuja promessa orienta nosso presente. Ser discípulo é viver sob o senhorio de Cristo, alimentado pela Bíblia e pela oração, crescendo em obediência motivada pelo amor e participando da proclamação do evangelho eterno.

Como pastores, somos chamados a viver diariamente em comunhão com Jesus. Nosso ministério nasce de caminhar com Ele, ouvir Sua voz, aprender de Sua Palavra e permitir que Sua graça continue moldando nosso coração. A partir dessa experiência viva, o ministério torna-se uma expressão da presença de Cristo em nós: pregamos a partir da comunhão, ensinamos com humildade, acompanhamos as pessoas com ternura e servimos à igreja com a força espiritual que somente Deus pode conceder.

No entanto, o chamado pastoral vai além. Deus nos chama a ser discípulos que fazem discípulos. Esse é o coração de um ministério discipulador. Quando vivemos como discípulos, conduzimos a igreja a uma experiência mais profunda com Jesus e, conseqüentemente, a uma vida comprometida com a missão. Ellen White expressou essa visão com notável clareza: “Você, pastor, não permita que as pessoas se apoiem em você; antes, ensine a elas que devem usar seus próprios talentos para comunicar a verdade aos que estão ao redor.

Trabalhando assim, elas terão a cooperação dos anjos celestiais e obterão uma experiência que lhes acrescentará fé e as tornará firmes em Deus” (*Obreiros Evangélicos* [CPB, 2024], p. 155).

Um ministério pastoral discipulador se desenvolve quando organizamos nossa vida e nosso serviço para que Cristo seja formado nas pessoas. Paulo expressou esse anseio ao dizer: “Meus filhos, por quem, de novo, estou sofrendo as dores de parto, até que Cristo seja formado em vocês” (Gl 4:19). Ele também ensinou que os dons ministeriais foram concedidos “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço” (Ef 4:12). O objetivo é uma igreja que cresce em maturidade, unidade, serviço e testemunho; uma comunidade em que cada membro aprende a caminhar com Cristo e a conduzir outros nesse mesmo caminho.

Viver essa visão é um dos grandes desafios do nosso tempo. Como pastores, precisamos fazer do plano de Deus o nosso plano. Então, o ministério se enche de propósito espiritual. Discipular exige presença, paciência, oração e dedicação. Ao realizarmos essa obra, cooperamos com o Céu, e a missão se transforma na alegria de ver discípulos que fazem discípulos. ■

“
**Deus nos
chama a ser
discípulos
que fazem
discípulos.**
”



CORAÇÃO DA MISSÃO



Líder dos departamentos de Escola Sabatina e Ministério Pessoal da sede mundial da Igreja Adventista, o pastor James Howard tem dedicado seu ministério à promoção do discipulado e do evangelismo. Nesta entrevista, ele fala sobre os desafios de tornar a Escola Sabatina mais relevante para as novas gerações, o papel do Ministério Pessoal na formação de discípulos, o potencial das ferramentas digitais para a evangelização e a importância de cultivar uma cultura missionária em uma sociedade cada vez mais secularizada e polarizada.

A frequência à Escola Sabatina tem diminuído. Como a igreja pode tornar esse ministério mais relevante para as novas gerações?

O novo currículo Vivos em Jesus, destinado a crianças e adolescentes, e o Contexto, guia de estudos para os jovens, são excelentes recursos. No entanto, o elemento mais importante para uma Escola Sabatina relevante e atrativa para as novas gerações continua sendo o professor. Precisamos de professores acolhedores, acessíveis e que realmente se importem com os jovens. Também precisamos de professores que estudem a lição e cheguem preparados para compartilhar novos insights da Palavra de Deus. Quando a Escola Sabatina promove comunhão, missão e um ensino bíblico consistente, ela inspira o coração das novas gerações.

O que distingue uma igreja que faz discípulos de uma igreja que está simplesmente ocupada com atividades?

Jesus ordenou: “Vão e façam discípulos” (Mt 28:19). Falando sobre o alcance dessa ordem, Ellen White afirmou: “A comissão do Salvador aos discípulos incluía todos os que creem. [...] Seja qual for a vocação de uma pessoa na vida, seu primeiro interesse deve ser ganhar almas para Cristo. Talvez ela não seja capaz de falar às multidões; no entanto, pode trabalhar em favor dos indivíduos.”¹ Nosso foco principal deve estar nas pessoas, e não em programas e eventos. Uma das características mais evidentes de uma igreja comprometida com a formação de discípulos é manter uma lista de interessados. Quando

a congregação acompanha regularmente cada pessoa e procura promover seu crescimento espiritual, evidencia que está, de fato, cumprindo a missão de fazer discípulos.

Como os pastores podem mobilizar membros que desejam testemunhar, mas não se sentem devidamente preparados para compartilhar sua fé?

Ellen White aconselhou: “O melhor auxílio que os pastores podem oferecer aos membros de nossas igrejas não é pregar sermões, e sim planejar o trabalho para

“Quando a Escola Sabatina promove comunhão, missão e um ensino bíblico consistente, ela inspira o coração das novas gerações.”

eles.”² O papel do pastor vai além de pregar e visitar; envolve capacitar o rebanho por meio de treinamento prático. Esse treinamento inclui três etapas: instrução, observação e participação. Às vezes, concentramos nossos esforços apenas na instrução. No entanto, também precisamos oferecer oportunidades para que os membros observem como se faz discípulos e participem ativamente desse processo. Sobre a importância da observação, Ellen White escreveu que, no preparo dos discípulos, o exemplo da vida do Salvador foi “muito mais eficaz do que a simples instrução doutrinária.”³ E, quanto à participação, ela também enfatizou: “Nessa obra, como em qualquer outra, adquire-se a habilidade no próprio trabalho. [...] É na água, e não em terra, que os homens aprendem a nadar.”⁴

Qual é o papel do Ministério Pessoal na retenção e integração dos novos conversos à vida da igreja?

Lembremo-nos de que “toda igreja deve ser uma escola missionária.”⁵ Os líderes do Ministério Pessoal devem garantir que cada novo membro tenha um mentor para acompanhá-lo no estudo da Bíblia, no desenvolvimento espiritual e na integração à vida e à missão da igreja. Os novos adventistas costumam ser os mais suscetíveis às dúvidas e às influências negativas, pois ainda não criaram raízes profundas na mensagem nem na comunidade de fé. Como, então, fortalecê-los? Ellen White responde: “Quando pessoas se convertem, é preciso colocá-las para trabalhar imediatamente. E, enquanto trabalharem, segundo sua capacidade, elas se tornarão mais fortes.”⁶ Precisamos ministrar aos novos membros, mas também envolvê-los no ministério em favor de outras pessoas.

Como você vê a relação entre o OneVoice27, iniciativa que mobilizará a igreja mundial no próximo ano, e o desenvolvimento de uma cultura global de discipulado?

Creio que o OneVoice27 tem grande potencial para ajudar a igreja em sua busca contínua por desenvolver uma cultura de discipulado. Há vários anos venho trabalhando com esse objetivo por meio da iniciativa Envolvimento Total dos Membros, e o OneVoice27 se apoia nesse mesmo fundamento. Ele conclama cada membro a participar da formação de discípulos por meio da mídia e do testemunho pessoal. A mesma missão que promoverá o crescimento da igreja também impulsionará o crescimento espiritual de cada discípulo, preparando um povo para a breve volta de Jesus. Esse é o poder da comissão de Cristo.

De que maneira as ferramentas digitais e as tecnologias emergentes podem fortalecer o estudo da Bíblia e o evangelismo sem substituir os relacionamentos pessoais?

O coração do método de Cristo é o evangelismo pessoal, e nada pode substituí-lo. No entanto, a mídia e o evangelismo digital podem servir como ponto de partida. Essas ferramentas nos ajudam a encontrar pessoas espiritualmente interessadas em uma escala que o evangelismo pessoal, por si só, jamais conseguirá alcançar. Por meio da mídia, podemos levar conteúdo bíblico às multidões e interagir com milhões de pessoas simultaneamente. As plataformas digitais de estudo da Bíblia não apenas compartilham a mensagem, mas também avaliam o nível de interesse dos participantes antes de encaminhá-los às igrejas locais para o acompanhamento presencial. Assim, as ferramentas digitais têm se tornando essenciais para pregar o evangelho, identificar pessoas interessadas, avaliar seu interesse e conectá-las a uma igreja que possa acompanhá-las em sua jornada espiritual.

Em um contexto de crescente secularização e polarização, quais competências os pastores devem desenvolver para liderar uma igreja missionária e espiritualmente saudável?

Se olharmos por uma perspectiva positiva, o fato de vivermos em um mundo cada vez mais secularizado significa que haverá ainda mais pessoas insatisfeitas em busca de Deus. Da mesma forma, o fato de vivermos em uma sociedade polarizada significa que muitos terão fome de uma mensagem de unidade e amor. Diante dessa realidade, os pastores precisam permanecer perseverantes e esperançosos quanto à missão que Cristo nos confiou e à mensagem que proclamamos, mesmo diante de novos desafios. Além disso, devem aprender a utilizar todos os meios possíveis para compartilhar a verdade. O ministério pastoral não é fácil, e precisamos da ajuda de Cristo e do Espírito Santo em cada desafio. Que Deus nos conceda sempre esperança e perseverança, e abençoe nosso trabalho com abundantes frutos! ■

Referências

- ¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 660.
- ² Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 59.
- ³ White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 273.
- ⁴ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 191.
- ⁵ White, *Serviço Cristão*, p. 50.
- ⁶ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 247.



Amin Rodor
professor emérito
de Teologia do
Unasp, campus
Engenheiro Coelho



A IDENTIDADE missionaria DA IGREJA

A Grande Comissão e o avanço do reino

No evangelho de Marcos 3:13 a 19 (ARA), lemos: “Depois, subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto Dele. Então, designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios. Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem O traiu.”

No início de Seu ministério, Jesus chamou aqueles que prepararia por três anos e meio e, posteriormente, após a ressurreição, enviaria. A chamada *Grande Comissão*, ou *Comissão Universal*, ocorre cinco vezes no Novo Testamento, sendo pronunciada pelo próprio Jesus: uma em cada evangelho e outra no início do livro de Atos (At 1:8). Não há razão para crer que essas sejam cinco versões de uma mesma ocasião. É provável que, durante os 40 dias transcorridos entre Sua ressurreição e ascensão, Jesus Cristo tenha repetido a mesma ordem várias vezes, com diferentes palavras e ênfases.

Em Mateus 28:16 a 20, encontramos a versão clássica da Grande Comissão: “Seguiram os onze discípulos para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara. [...] Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: ‘Toda a autoridade Me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.’”

Esse grupo de homens havia terminado seu curso intensivo de Teologia, com duração de três anos e meio – o Salt de então: “Seminário Apostólico de Licenciatura Teológica”. Era a sua graduação. A ordenação foi simultânea, pela imposição das mãos marcadas pelos cravos. Eles haviam trocado de redes. Homens comuns, com forte cheiro de peixe e mãos calejadas, agora eram enviados para mares mais amplos.

Não sabemos exatamente quando, nem quantos dias após a ressurreição, esse evento ocorreu. Provavelmente, esse foi um dos últimos encontros de Jesus com os onze. Também não sabemos exatamente o local – “num monte” é toda a informação que temos. Os discípulos haviam retornado para a Galileia e, ali, em um encontro marcado pelo próprio Senhor, eles se reuniram com Ele. É possível que essa seja a cena descrita por Paulo em 1 Coríntios 15:5 e 6.

O impacto desse encontro na história da igreja não pode ser devidamente avaliado. Há momentos que têm o peso da

eternidade, e esse é um deles! Quando se encontram com o Senhor, as reações são diversas. Jesus então Se dirige a eles com as palavras mencionadas no capítulo 28 de Mateus.

A Grande Comissão gravita em torno de três círculos, que formam os elementos básicos da nossa reflexão aqui: (1) em primeiro lugar, Jesus faz um anúncio; (2) depois, apresenta uma ordem; (3) e, finalmente, oferece uma promessa. Devemos observar que o adjetivo qualitativo “todo” prevalece e domina no texto: “toda a autoridade”, “todas as nações”, “todas as coisas”, “todos os dias”.

Hoje, temos falado tanto a respeito de “cumprir a missão” ou de “estar em missão” que corremos o risco de transformar a missão em mais um esforço ou em um mero empreendimento humano. Com isso, podemos perder de vista que a igreja está, primariamente, *sob ordens* para cumprir a missão que lhe foi dada pelo Senhor.

O anúncio

Jesus inicia com um anúncio: “Toda a autoridade Me foi dada no céu e na Terra.” Mais do que um anúncio, temos aqui uma *proclamação*, uma reivindicação gloriosa. É de fundamental importância observar que a afirmação de Cristo quanto à Sua autoridade precede a Grande Comissão. Tal declaração é essencial para a obediência à ordem. De fato, sem essa reivindicação de autoridade, a Grande Comissão não teria justificação ou validade – para não falar de impacto.

Nunca estaremos verdadeiramente qualificados para a pregação do evangelho antes de estarmos absolutamente convictos da plena autoridade de Jesus. Essa convicção é a base do nosso chamado e o fundamento da autoridade da igreja. Assim, nossa maior necessidade não é o domínio de técnicas, estratégias ou “jargões evangelísticos”, mas a firme convicção da autoridade de Cristo.

A Ele pertence todo o poder. Tal convicção é libertadora. Ela nos liberta do pessimismo, da mentalidade derrotista, do desespero, do histerismo, do ativismo e de correrias infrutíferas. Liberta-nos do medo do insucesso. Porque Ele tem todo o poder, podemos avançar em confiança, seguros do triunfo. O sucesso da proclamação do evangelho não está garantido por nossas estratégias, mas por Aquele a quem pertence todo o poder.

Sua autoridade no Céu assegurou a vinda do Espírito Santo sobre Seus discípulos, impedindo que se tornassem poços de águas estagnadas e fétidas. O Espírito Santo é o grande Intérprete do evangelho. É Ele o responsável pela conversão de homens e mulheres a quem pregamos. É Ele

quem convence do pecado, da justiça e do juízo; por isso, não precisamos temer nem simular nada.

Pode ter parecido ridículo enviar esse núcleo original ao mundo. Da mesma forma, a missão da igreja hoje pode parecer gigantesca e impossível, diante de um mundo secular, sofisticado e indiferente – ainda mais considerando que a igreja ensina por contraste, e não por semelhança. É a autoridade exclusiva de Cristo que nos oferece confiança e certeza. Porque Ele tem todo o poder, as forças contrárias que atuam na cultura e no mundo em geral não podem prevalecer contra a marcha triunfante do evangelho. Haveremos de prevalecer! E isso é tão certo que podemos viver em permanente espírito de celebração.

A ordem

Em segundo lugar, depois da proclamação do Seu poder supremo e universal, Jesus apresenta o imperativo: *Ide por todo o mundo*. A missão agora não é mais buscar as ovelhas perdidas da casa de Israel, como em Mateus 10:5 e 6. A abrangência agora é absoluta: todas as nações, tribos, línguas e povos, fazendo discípulos, ensinando e batizando. Dele é o poder, mas Ele escolheu trabalhar conosco. A igreja não está envolvida na proclamação do evangelho porque inventamos essa missão, nem porque ela nos pareça conveniente, lucrativa ou interessante, tampouco para “sair bem na foto”. Estamos envolvidos na proclamação das boas-novas da salvação porque estamos *sob ordens*.

O quadro traçado pelo cristianismo em seus primórdios não descreve os originais “seguidores do Caminho” (cf. At 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22) como administradores, executivos, gestores, dignitários, teólogos profissionais e muito menos como “fãs de Jesus”, mas como Seus discípulos – plantadores de igrejas, representantes do Senhor, Seus enviados. A tradição evidencia a determinação desses primeiros discípulos: do grupo original dos apóstolos, exceto João, todos selaram seu compromisso com o próprio sangue.

A própria conversão de Paulo e seu poderoso testemunho foram um extraordinário golpe no Sinédrio e no judaísmo. A expansão do evangelho é testemunhada pelo livro de Atos, nos capítulos 13 a 28. O livro se encerra com o evangelho chegando a Roma, fazendo conversos na casa imperial e entre a guarda pretoriana, a tropa de elite do império. Colossenses 1:23 afirma que o evangelho, nos dias de Paulo, foi pregado a toda criatura do mundo conhecido. Nada foi capaz de impedir o avanço do Cristo vitorioso.

Porém, a Grande Comissão tornou-se a “Grande Omissão”. Na Idade Média, diante da grande apostasia da igreja, Martinho

Lutero, além da redescoberta do evangelho da salvação pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo, redescobriu também o ensino bíblico do *sacerdócio de todos os crentes*. Cada cristão é um sacerdote. Como sacerdote, cada cristão tem uma oferta a apresentar em sacrifício. Esse sacrifício é a dedicação de si mesmo, em obediência e serviço ao Senhor da igreja. Cada cristão tem o dever de compartilhar com outros o evangelho que recebeu. O período posterior, contudo, testemunhou um retrocesso dessa descoberta de Lutero. Mais uma vez, perdeu-se de vista a verdade do sacerdócio de todos os crentes.

O resultado disso é visível em nossos dias. O mundo ocidental tornou-se um vasto campo missionário – um mercado livre no qual os cristãos devem entrar e competir pela mente e o coração das pessoas. Estamos hoje diante de uma nova era missionária. Emil Brunner, teólogo da chamada Nova Ortodoxia, observa que, hoje, temos de pregar primariamente para pagãos.¹ O mundo moderno tornou-se, progressivamente, muito semelhante ao contexto em que os discípulos tiveram de testemunhar.

O chamado do movimento adventista

O chamado para a proclamação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14 marca as origens e o desenvolvimento do movimento adventista. Historicamente, os adventistas compreenderam seu papel na proclamação do evangelho eterno. As citações de Ellen White sobre o envolvimento missionário da igreja são incontáveis; esta, contudo, representa um poderoso sumário: “Sobre o ministro da Palavra, a enfermeira-missionária, o médico cristão, o cristão individualmente, seja ele comerciante ou agricultor, mecânico ou outro profissional – sobre todos repousa a responsabilidade. É nossa obra revelar às pessoas o evangelho de sua salvação. Toda empreitada em que nos empenhemos deve ser um meio para esse fim.”²

Qual é o nosso maior problema hoje para o cumprimento da Grande Comissão? A dificuldade não é externa. Para Ellen White, “um sério obstáculo ao êxito da verdade, e de que talvez não se suspeite, está em nossas próprias igrejas. Ao ser feito um esforço para se apresentar nossa fé aos incrédulos, os membros da igreja ficam muitas vezes para trás, como se não fossem parte interessada, e deixam toda a responsabilidade com os pastores.”³

Este é o maior desafio enfrentado: motivar e mobilizar os membros acomodados da igreja, que, em grande medida, perderam de vista a ordem para testemunhar, pregar e fazer discípulos.

Nos tempos atuais, a igreja tem sido invadida pelo que podemos chamar de “era dos espectadores”. No mundo

secular, os estádios ficam superlotados em eventos esportivos, onde a maioria simplesmente observa poucos desempenharem, enquanto se limita a assistir. Essa multidão de observadores também invadiu a comunidade da fé.

Difícilmente, podemos encontrar um ambiente de culto sem constatar que dezenas estejam “antenados” em seus aparelhos celulares. Vêm à igreja, mas não chegam de fato. No culto, oferecem outro tipo de “adoração”. Irreverência? Certamente! Os espectadores se tornaram afastados e distantes daquilo que acontece à frente e ao redor – afastados de qualquer envolvimento, e ainda mais do testemunho missionário ao qual são convocados. Não se envolvem. É como se dissessem: “Isso não é comigo.” Como discípulos de Cristo, entretanto, afirmamos com a nossa vida: “A missão de Deus é a minha missão.”

A voz profética aos adventistas insiste: “A disseminação da verdade de Deus não se limita a alguns poucos pastores ordenados. A verdade deve ser difundida por todos os que professam ser discípulos de Cristo.”⁴ E, de forma ainda mais séria: “A obra de Deus na Terra jamais poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam seus esforços aos dos pastores e oficiais da igreja.”⁵

Os pastores e todos os outros discípulos de Cristo devem lembrar que o envolvimento na proclamação do evangelho envolve uma bênção dupla: não apenas abençoa a quem se ministra, mas também quem ministra é grandemente abençoado. Nas palavras de um antigo hino: “Servir a Jesus, oh, que doce prazer!”

Emil Brunner, anteriormente mencionado, observou corretamente: “A igreja existe para a missão, assim como o fogo existe para queimar. Onde não há missão, não há igreja, e onde não há igreja e missão, não há fé.”⁶ Em outro contexto, Brunner complementou: “A igreja é a comunidade que foi chamada para sair do mundo, para ser enviada de volta ao mundo.”⁷

A promessa

Finalmente, a Grande Comissão envolve uma grande promessa: “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.” Essas são as últimas palavras de Jesus registradas no evangelho de Mateus. O primeiro evangelho termina com a *shekinah*, a infalível presença de Cristo habitando entre os Seus discípulos. O evangelho que se inicia com a referência a Emanuel, “Deus conosco” (Mt 1:23), termina com a mesma afirmação: “Deus conosco”, todos os dias (Mt 28:20).

Aqueles que meditam Nele, oram em Seu nome e batalham sob Suas ordens descobrirão que Ele é o infalível Companheiro diário da jornada. “Todos os dias” e “sempre” são expressões saturadas de força, glória e esperança.

Não sabemos o que cada dia pode nos trazer. Há dias de fé confiante e dias de desapontamento. Há dias de paz, mas também dias em que somos visitados por desencantos. Há dias de harmonia, e dias em que, à nossa porta, batem desencontros severos. Há dias de música e dias em que o desespero nos envolve em neblina impenetrável. Há dias de alegria, de colheitas fartas e messes abundantes. Mas também conhecemos dias de tristeza, dias estéreis. Dias de céu azul e sol brilhante, mas também dias de céu acinzentado, como se fosse feito de chumbo. Há dias sombrios em que somos tentados a perguntar se vale a pena viver. Mas permanece Sua gloriosa promessa! A sombra de Suas mãos poderosas se ergue sobre nós, estendida em barreira protetiva e em terno cuidado.

A força de tal promessa pode ser entendida apenas por aqueles que levam a ordem de Jesus a sério. O soar dessa triunfante promessa alcançou o próprio Mateus, que a registrou em seu evangelho. Ele e seus co-obreiros enfrentaram dias escuros de hostilidade e perseguição. Arriscaram tudo por Cristo e descobriram que Ele não os tinha abandonado. Mateus conheceu os perigos de uma vida consagrada a Cristo. O antigo coletor de impostos, um dia, fechou sua lucrativa tenda de cobrança para seguir a Cristo. Segundo a tradição, Mateus foi martirizado na Etiópia; mas, certamente, nas sombras da morte, ele sentiu o poderoso cumprimento da promessa: “Estou convosco”.

O Redentor está conosco. Jesus Cristo, Amigo e Soberano Senhor, em cuja palavra infalível podemos confiar e de quem podemos depender, estará conosco “todos os dias, até a consumação do século.” ■

Referências

- ¹ Emil Brunner, *The Misunderstanding of the Church* (London: Lutterworth Press, 1952), p. 108.
- ² Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 81.
- ³ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 152.
- ⁴ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 58.
- ⁵ White, *Obreiros Evangélicos*, p. 270. Em uma séria repreensão que envolve a todos, ela acrescentou: “Os membros da igreja, acostumados a confiar na pregação, pouco fazem para Cristo. Não produzem fruto, mas, ao contrário, aumentam seu egoísmo e infidelidade. Põem a esperança no pregador e confiam em seus esforços para manter viva sua débil fé.” Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 6, p. 343.
- ⁶ Emil Brunner, *The Word and the World* (Londres: Student Christian Movement Press, 1931), p. 108.
- ⁷ Brunner, *The Misunderstanding of the Church*, p. 108.



O PASTOR E O EVANGELISMO PESSOAL

Como conduzir a igreja ao cumprimento da missão

Falar em engajar pessoas no evangelismo pessoal sem considerar a função pastoral é comprometer a eficácia dessa atividade na igreja local. A Palavra de Deus deixa claro que a prioridade do trabalho ministerial é desenvolver habilidades e competências nos membros para a obra missionária, segundo os dons concedidos por Deus (Ef 4:11-16). Todos os que fazem parte do corpo de Cristo devem unir seus esforços aos dos pastores e oficiais da igreja na missão de ir e fazer discípulos (Mt 28:18, 19).

O pastor deve ser um especialista em evangelismo pessoal. Espera-se que, sob sua liderança, os membros se

envolvam diligentemente no serviço de conquista de pessoas para Cristo. Esse tem sido o grande desafio do ministério cristão ao longo dos séculos e continua sendo no mundo contemporâneo: formar novos discípulos que, por sua vez, façam outros discípulos.

Para que a igreja experimente crescimento qualitativo, quantitativo e geográfico, é necessário compreender as razões do baixo envolvimento dos membros. Neste artigo, analisaremos alguns desses fatores e apresentaremos orientações práticas que auxiliarão o pastor no envolvimento e na capacitação da igreja, além de conselhos do Espírito de Profecia relacionados ao trabalho pastoral.

A crise do envolvimento

Estudos realizados na Igreja Adventista “sugerem que, em média, menos de 20% dos membros de nossas congregações participam ativamente de algum programa evangelístico da igreja”.¹ Kurth Johnson reconheceu que, em muitos lugares, os membros veem o pastor como o único responsável pela assistência aos doentes e desanimados, pelas visitas, pelos estudos bíblicos e pela condução das reuniões religiosas.²

Diferentes autores têm procurado explicar o baixo envolvimento dos membros com a missão da igreja. O teólogo Alberto Timm declarou que, com o passar do tempo, muitos movimentos religiosos “acabaram perdendo o fervor espiritual e o ímpeto missionário que lhes deram origem”.³

De maneira semelhante, David Hesselgrave destaca que “é fato notável na história, tanto passada quanto contemporânea, que o grau de compromisso da igreja com a evangelização do mundo é proporcional ao grau de sua convicção sobre a autoridade da Bíblia. Sempre que os cristãos perdem a confiança na Bíblia, também perdem o zelo pelo evangelismo”.⁴

Segundo Russell Burrill, cabe ao pastor manter viva a visão missionária da igreja por meio da pregação bíblica e da capacitação dos voluntários na igreja local, de acordo com os dons espirituais. Em sua compreensão, o tempo do pastor deve ser investido mais no treinamento, na formação e na supervisão dos membros.⁵

Cristãos espectadores

Alguns cristãos imaginam que o testemunho ou o evangelismo pessoal seja apenas um “programa” ou uma exigência da igreja. No entanto, o engajamento no evangelismo pessoal é resultado de uma experiência genuína de conversão e dedicação a Jesus. Trata-se da resposta do crente ao sacrifício de Cristo. Você e eu testemunhamos não por interesse, mas porque amamos a Jesus (2Co 9:14).

Embora esse devesse ser o sentimento de todo cristão, em muitos casos a realidade é diferente. Diversos fatores contribuem para a falta de envolvimento do membro que se limita a ser adventista apenas no sábado pela manhã. Entre eles, podem estar a falta de confiança, de motivação, de comunhão diária com Deus ou até mesmo a insegurança quanto à própria salvação.

Também é bastante provável que muitos membros não participem porque desconhecem o próprio potencial. Talvez nunca tenham sido desafiados, por meio do apelo pastoral, a crescer espiritualmente e a se envolver na salvação de pessoas. É possível também que jamais tenham

recebido treinamento ou capacitação adequada para compreender a Bíblia e compartilhá-la com outros. Deve-se considerar, igualmente, que alguns deixam de se envolver simplesmente por acreditarem que essa responsabilidade pertence apenas ao pastor ou a um grupo específico da igreja.

Diante dessa realidade, é imprescindível que o pastor exerça pessoalmente seu ministério junto aos membros da igreja, permitindo que o Espírito Santo o use no cuidado e nas visitas pastorais. Ao agir dessa maneira, ele demonstrará, pelo próprio exemplo, que assim como foi ao encontro deles, também devem utilizar sua influência pessoal para se relacionar intencionalmente com amigos, parentes e vizinhos, conduzindo-os a Cristo.

Despertando a igreja

Como líderes, os pastores devem se preocupar com aqueles que não estão comprometidos com a conquista de pessoas para o reino de Deus. O membro que não testemunha evidencia que algo não vai bem em sua experiência cristã. Não existe discípulo espiritualmente saudável que não esteja comprometido com a missão.

A seguir, apresentamos algumas dicas de como o pastor pode ajudar os membros a se envolverem na missão divina:

- Visitá-los pessoalmente;
- Conscientizá-los sobre o sacerdócio de todos os crentes;
- Organizar um plano de ação;
- Realizar testes de dons espirituais;
- Criar na igreja uma atmosfera de reavivamento e reforma;
- Envolver a igreja no planejamento e no estabelecimento de alvos;
- Delegar pequenas responsabilidades;
- Reunir-se regularmente com a liderança;
- Organizar uma escola permanente de capacitação missionária;
- Promover um ambiente de motivação;
- Providenciar materiais de qualidade;
- Apoiar os iniciantes;
- Demonstrar reconhecimento e gratidão, tanto no aspecto pessoal quanto coletivo, por todas as iniciativas missionárias;
- Estabelecer um projeto de colheita no primeiro ou no segundo semestre;
- Orar constantemente pelos membros;
- Realizar trimestralmente uma atividade social para interação e socialização.

Mobilizando os membros

O pastor deve estar consciente de que muitas pessoas se sentem tímidas e têm medo de testemunhar de sua fé. Outras possuem uma compreensão limitada do que significa pregar o evangelho, associando essa missão apenas à distribuição de literatura, ministração de estudos bíblicos, direção de classes bíblicas, liderança de pequenos grupos ou pregação de sermões para grandes públicos.

Alguns se desculparam dizendo que não possuem dons, habilidades ou conhecimento suficiente das doutrinas bíblicas. Outros alegam falta de tempo. No entanto, nossos membros precisam entender que todo crente deve empenhar-se na missão de conduzir pessoas a Cristo.

Diante dessa realidade, o pastor deve procurar conduzir pessoas a Cristo pessoalmente e ensinar a igreja a fazer o mesmo. A seguir, apresentamos algumas sugestões para promover o envolvimento na missão:

- Orar por amigos, parentes e vizinhos;
- Convidar amigos para os programas especiais da igreja;
- Promover cursos de interesse da comunidade;
- Distribuir literatura;
- Ministrando estudos bíblicos individualmente ou em dupla;
- Conduzir uma classe bíblica;
- Organizar ou dirigir um pequeno grupo;
- Realizar encontros, chás ou almoços com amigos não adventistas;
- Enviar mensagens pelas redes sociais;
- Fazer visitas missionárias a doentes, membros desanimados e afastados;
- Organizar cursos para deixar de fumar;
- Promover encontros de casais para não adventistas;
- Visitar presídios, hospitais, orfanatos e asilos;
- Plantar novas igrejas em municípios, cidades e bairros sem presença adventista;
- Divulgar a TV Novo Tempo, a Rádio Novo Tempo e os sites missionários da igreja;
- Participar de campanhas como Recolta, Mutirão de Natal e Vida por Vidas;
- Testemunhar no ambiente de trabalho.

O pastor que deseja conduzir a igreja ao envolvimento missionário precisa, antes de tudo, buscar a direção divina. A visão para o crescimento da igreja nasce na comunhão com Deus; por isso, é essencial orar pedindo discernimento e motivação correta. Depois de interiorizar essa visão, o

pastor deve comunicá-la com clareza à liderança e avaliar a realidade local e os desafios existentes. A partir disso, poderá elaborar um planejamento coerente, com metas alcançáveis.

Também é importante envolver a liderança nas decisões, organizar uma equipe comprometida com a missão e delegar responsabilidades. Além de estabelecer cronogramas, acompanhar os resultados e manter a igreja informada sobre o andamento dos projetos, o pastor deve reconhecer o empenho da equipe e lembrar que a verdadeira motivação da missão deve ser sempre espiritual.

O Espírito de Profecia e o trabalho pastoral

Leia, atentamente, os textos de Ellen White a seguir sobre a função do pastor:

Planejar o trabalho. “Aqueles que estão encarregados dos interesses espirituais da igreja devem formular planos e encontrar um jeito para que todos os seus membros tenham alguma oportunidade de participar da obra de Deus.”⁶ “Na obra de muitos pastores há sermões demais e bem pouco do verdadeiro trabalho de coração para coração. Há necessidade de mais trabalho pessoal.”⁷

Envolver todos na missão. “Os pastores não devem fazer a obra que pertence à igreja, exaurindo-se assim e impedindo que outros cumpram seu dever. Eles devem ensinar os membros a trabalhar na igreja e entre a vizinhança.”⁸

Manter na igreja um plano de capacitação contínua. “Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos. Seus membros devem ser instruídos em dar estudos bíblicos e em dirigir classes da Escola Sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes, de trabalhar pelos não convertidos. [...] Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes.”⁹

Dar atenção especial aos seus colaboradores. “Nossos pastores devem dar atenção especial às instruções e preparo daqueles que cooperarão com eles.”¹⁰

Unir esforços para concluir a obra. “A obra de Deus na Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja participem do trabalho e unam seus esforços aos dos pastores e oficiais da igreja.”¹¹

Descentralizar o ministério. “Algumas vezes, os pastores trabalham em excesso, procuram tomar todo o trabalho em suas mãos. Isso os esgota e prejudica, mas eles continuam a se envolver com tudo. Pensam que só eles devem trabalhar na causa de Deus, enquanto os membros da igreja ficam ociosos. Essa não é, de maneira alguma, a ordem de Deus.”¹²



Ensinar a servir. "O maior auxílio que se pode prestar ao nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus e confiar Nele, e não nos pastores."¹³

Mobilizar a igreja para a ação. "Ao trabalhar em lugares em que já há alguns na fé, o pastor não deve a princípio tentar converter os incrédulos, mas exercitar os membros da igreja para que cooperem com proveito. Deve trabalhar com eles individualmente e tentar despertá-los para que eles próprios busquem experiência mais profunda e trabalhem por outros."¹⁴

Motivar quem não está engajado. "Aqueles que não estão assumindo suas responsabilidades devem ser visitados. Deve-se orar e trabalhar com eles. Você, pastor, não permita que as pessoas se apoiem em você; antes ensine a elas que devem usar seus próprios talentos para comunicar a verdade aos que estão ao redor."¹⁵

Manter o rebanho envolvido. "Se os pastores dessem mais atenção a pôr e manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, realizariam mais benefícios, teriam mais tempo para estudar, fazer visitas missionárias e evitar muitas causas de atrito."¹⁶

Aproveitar o primeiro amor. "Quando pessoas se convertem, é preciso colocá-las para trabalhar imediatamente."¹⁷

Instruir e animar. "Muitos teriam boa vontade de trabalhar se lhes ensinassem a começar. Necessitam ser instruídos e animados."¹⁸

Promover o trabalho missionário. "A igreja que trabalha é uma igreja viva."¹⁹

Fortalecer a missão por meio da educação. "Se não se ensina o povo como trabalhar, como dirigir reuniões, como desempenhar sua parte no trabalho missionário, como alcançar com êxito o povo, a obra será praticamente um fracasso."²⁰

Conclusão

A prioridade do trabalho pastoral é preparar os membros da igreja para o serviço cristão, de acordo com os dons concedidos por Deus (Ef 4:11-16). Esse tem sido o grande desafio do ministério ao longo dos séculos.

O plano de Deus nunca consistiu, nem jamais consistirá, no "domínio" do pastor sobre os irmãos, como se ele fosse superior aos demais. Pelo contrário, o pastor é um servo chamado por Deus para cumprir uma missão específica: promover e coordenar o ministério pessoal de

cada membro. Em outras palavras, ele deve ser um instrumento nas mãos do Onipotente para ajudar a igreja a cumprir sua missão.

Concluo com esta reflexão de Carl George: "Mostre-me uma igreja grande, centralizada no pastor, e encontraremos um clero muito cansado. Mostre-me uma igreja grande, com leigos capacitados, e organizada de maneira simples, onde o clero não esteja completamente exausto por estar trabalhando demais, e eu lhes mostrarei uma igreja que não vai parar de crescer porque será capaz de cuidar bem das pessoas que Deus chamar para a vida nova por meio dela."²¹ ■

Referências

- 1 Alberto R. Timm, "Podemos ainda ser considerados uma igreja missionária?," *Revista Adventista*, fevereiro de 2002, p. 9.
- 2 Kurth Johnson, *Pequenos Grupos Para o Tempo do fim* (São Paulo: Editora Sobre Tudo, 2000), p. 18.
- 3 Timm, "Podemos ainda ser considerados uma igreja missionária?," p. 8.
- 4 David J. Hesselgrave, *Missões Transculturais* (São Paulo: Vida Nova, 1987), p. 35.
- 5 Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 98.
- 6 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 270.
- 7 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 142.
- 8 Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 58, 59.
- 9 White, *Serviço Cristão*, p. 50.
- 10 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 57.
- 11 White, *Serviço Cristão*, p. 57.
- 12 Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 80.
- 13 White, *Serviço Cristão*, p. 49.
- 14 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 152.
- 15 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 155.
- 16 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 153.
- 17 White, *Evangelismo*, p. 247.
- 18 White, *Serviço Cristão*, p. 50.
- 19 White, *Serviço Cristão*, p. 62.
- 20 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), v. 5, p. 216.
- 21 Carl George, "Para Pensar", *Ministério*, julho-agosto de 2009, p. 33.



Adolfo Suárez
professor de Teologia
no seminário da
Universidade Adventista
do Prata, na Argentina



Perigos da *oikofobia*

Ideias contemporâneas que
ameaçam nossa identidade

Roger Scruton (1944–2020) foi um dos filósofos, escritores e intelectuais mais influentes do Reino Unido nas últimas décadas. Ele afirmava que a cultura é um depósito de conhecimento ético.¹ Para o pensador britânico, a cultura é a memória acumulada que nos revela quem somos e nos indica como devemos viver. Nesse sentido, a identidade não é algo que a pessoa constrói de forma isolada ou puramente autônoma (como sugere o liberalismo moderno), mas algo que é recebido e cultivado por meio do pertencimento a uma comunidade, que possui sua própria cultura. Por isso, uma das tragédias do nosso tempo é a perda do “lar espiritual”, o abandono da comunidade.

Ao falar sobre cultura, é importante estar consciente dos perigos da *oikofobia*,² isto é, a rejeição da própria herança e o desprezo pela cultura local e pelas instituições tradicionais. Trata-se do oposto da *oikofilia*, o amor ao lar e a disposição de proteger aquilo que é “nosso”, movido por um senso de pertencimento e responsabilidade.

E como acontece a rejeição da própria herança? Primeiro surge o desprezo pelo que é local: o indivíduo oikóforo se afasta de sua comunidade de origem para parecer “esclarecido” e “diferente”. Em seguida, vem a busca pelo que é alheio: culturas, sistemas e ideologias exóticas passam a ser idealizados simplesmente por não serem os próprios, enquanto nossas tradições são submetidas a um julgamento severo e implacável.

Mais adiante ocorre o ataque à tradição: símbolos, ritos e ensinamentos que estruturam a vida comunitária são enfraquecidos ou suprimidos; instituições são desmanteladas e a memória coletiva é desacreditada, deixando o povo vulnerável, errante e desenraizado, sem o lar espiritual que sustenta sua identidade e sua vocação moral.

As instituições – da religião ao sistema educacional – são percebidas pelo oikóforo como estruturas de opressão que precisam

ser demolidas, em vez de legados sagrados que devem ser reformados com prudência e preservados para futuras gerações. A cultura da rejeição mantém a pessoa em uma perpétua rebeldia adolescente.

Perda de identidade

Toda denominação religiosa nasce de um *oikos*, de um lar espiritual: um conjunto de doutrinas, hinos, ritos e formas de piedade que conferem sentido e coesão à comunidade. Com o passar do tempo, porém, pode ocorrer um processo de erosão: a perda da identidade. Qual é o seu sintoma? Ela começa quando o povo passa a considerar suas próprias tradições como “ultrapassadas” ou “limitadas” diante das correntes do mundo secular ou de movimentos mais populares. Surge, então, um estranho impulso pós-moderno de desprezar a própria casa e de renegar a herança recebida para ser aceito pelo “mundo” exterior. Busca-se o que é “inovador”, o que é “relevante” e, nesse processo, abandona-se a fidelidade que sustenta a comunhão e a vocação.

O que acontece em seguida é a desconstrução sem reconstrução. O oikóforo pode ser habilidoso na crítica, mas torna-se incapaz de edificar. Ele ataca os pioneiros e os princípios fundadores da denominação. Sob a bandeira da “atualização” e da “relevância”, desmonta a herança doutrinária até deixar a comunidade habitando uma casa sem paredes. A consequência é que uma denominação que renega sua própria história perde sua autoridade moral e sua razão de existir. Afinal, se nos igualamos ao mundo ao nosso redor, que necessidade há de manter uma identidade própria e proclamar a mensagem do povo remanescente de Deus?

O passo seguinte: abandona-se a doutrina e abraça-se um sentimentalismo universal. O oikóforo prefere lealdades abstratas e universais em vez de compromissos locais e concretos. Assim, na igreja, as doutrinas distintivas são deixadas de lado, dando lugar a um “vago amor universal” ou a um ativismo social desenraizado, que não exige compromisso com uma fé específica.

Isso acontece porque a *oikofobia* prospera na amnésia histórica. O esquecimento dos sacrifícios feitos pelos pioneiros leva as novas gerações a desprezar sua herança. Sem a memória do que aconteceu, sem a lembrança daqueles que construíram esse legado, não pode haver um futuro saudável nem uma identidade sólida.

Cultura do reino

O adventismo é, em sua essência, uma cultura do reino: um depósito de verdades proféticas e de um estilo de vida que nos oferecem um lar e dão sentido à nossa existência. No entanto, vivemos sob a pressão da pós-modernidade, que procura transformar o pastor em um gestor de eventos, um motivador de multidões ou um inovador permanente. O “inovador permanente” corre o risco de esquecer a casa de origem. Quando a identidade se torna líquida e sujeita a

reinvenções contínuas, o povo se desorienta e perde de vista o rumo de sua vocação.

E se estamos diante de uma crise de identidade – ou de *oikofobia* – o que devemos fazer? Nesta reflexão, proponho que contemplemos a figura de Esdras, um líder singular e erudito consagrado. O próprio Artaxerxes, rei da Pérsia, o chama de “escriba da Lei do Deus do Céu” (Ed 7:12). Esdras compreendeu, como poucos em sua época, que a liberdade do povo de Deus não consiste na assimilação cultural, mas na recuperação de sua identidade espiritual.

Observe que Esdras não voltou da Babilônia com um programa de novidades, mas com um projeto de restauração. Sua preocupação não era fazer algo novo, e sim recuperar aquilo que havia sido perdido. Sua identidade não se fundamentava na originalidade, mas na fidelidade.

Ao retornar a Jerusalém, Esdras enfrentou uma grave crise: o povo continuava sendo “judeu” de nome, mas havia perdido o conhecimento ético de sua fé. Tratava-se da “síndrome da Babilônia”: misturou-se com as nações, esqueceu a linguagem da promessa e assimilou costumes estranhos à sua herança. Não restavam muitos vestígios do *oikos*; ao contrário, reinava a *oikofobia*.

Para fortalecer a identidade, Esdras não recorreu a um novo plano de marketing nem a uma estratégia complexa. Em vez disso, propôs um projeto de restauração composto por três passos surpreendentemente simples, fundamentais para todo pastor, teólogo e administrador em tempos de perda de identidade. Esses três passos estão condensados em Esdras 7:10: “Porque Esdras pôs no coração o propósito de buscar a Lei do Senhor, cumpri-la e ensinar em Israel os Seus estatutos e os Seus juízos.”

A expressão “pôs no coração” descreve um ato de profunda reorientação espiritual. Esdras não se contentou com uma religiosidade superficial; ele desejou viver em plena harmonia com Deus, buscando sabedoria para cumprir Sua vontade.

Estudo, prática e ensino

Em seguida, o texto apresenta um “triângulo” formado por três ações: estudar, praticar e ensinar. A mensagem é clara: para que uma identidade resista à modernidade líquida, ela precisa da solidez de uma tradição que não apenas seja conhecida, mas também vivida e transmitida.

1. *Estudar é a responsabilidade intelectual.* Essa atitude vai muito além de uma atividade acadêmica passiva, como pesquisar ou investigar. Esdras dispôs o coração para estudar a Lei, isto é, para cultivar uma profunda paixão pela

Palavra de Deus, que organiza o tempo, define o modo de vida, orienta os propósitos vocacionais e fortalece o zelo tanto pelos relacionamentos quanto pela missão.³

Esdras personifica o homem e a mulher de Deus que se destacam no conhecimento da Lei divina porque estão inteiramente comprometidos em estudá-la e ensiná-la, conscientes de que, antes de proclamar “Assim diz o Senhor”, é necessário conhecer profundamente “o que diz o Senhor”.⁴

Lembremos que Esdras era escriba. Sacerdotes e escribas não recebiam revelação direta de Deus – diferentemente dos profetas e apóstolos. Sua função era interpretar e ensinar a revelação já concedida.⁵ Assim, o “estudo” de Esdras não foi mera erudição; foi um ato de fidelidade. Ele se preparou por meio do conhecimento profundo da Lei para conduzir o povo à obediência a Deus, sabendo que a liderança legítima nasce da fidelidade à Palavra recebida.

A identidade adventista se fortalece quando pastores, teólogos e administradores se recusam a se contentar com clichês doutrinários. Precisamos voltar ao tesouro da Palavra para redescobrir nossa relevância profética; isso exige estudo sério, profundo e perseverante. Mas é necessário manter o equilíbrio: a erudição sem piedade prática degenera em arrogância, enquanto a piedade prática sem estudo pode transformar-se em fanatismo. Esdras integrou essas duas dimensões no rigor da investigação das Escrituras, em um compromisso que molda a mente, o coração e a comunidade.

Estudar é voltar à Fonte. Isso é de suma importância: o pastor que deixa de ser discípulo da Palavra perde o direito de ser mestre da igreja. Além disso, a crise de identidade começa quando substituímos o rigor do “Assim diz o Senhor” pela comodidade do “Assim pensa o mundo”. Esdras não buscava informações para completar um sermão ou redigir um relatório; buscava fundamentos para sustentar uma nação em ruínas.

2. *Praticar é a responsabilidade ética.* O verbo “cumprir” (v. 10) denota a aplicação da Lei divina à vida, e não sua mera compreensão teórica. Esdras não apenas estudou a Lei do Senhor; ele a colocou em prática. O termo implica uma decisão deliberada de viver em conformidade com aquilo que a Lei prescreve.

O conhecimento ético se perde quando não é aplicado no cotidiano. Por isso, “praticar” remete à obediência. A identidade não se sustenta apenas pelo que proclamamos do púlpito, pelo que ensinamos nas salas de aula ou pelo que deliberamos nos concílios. Não. A identidade é preservada pelo que fazemos no escritório



Modelo para o ensino

Neemias 8:7 e 8 apresenta um modelo fundamental para o ensino bíblico e o crescimento espiritual. Nessa passagem encontramos a essência do verdadeiro ensino: ensinar não consiste apenas em ler as palavras, mas em desvendar seu significado. A partir desse relato, podemos extrair pelo menos três pilares do ensino transformador:

1 Clareza

A Palavra de Deus deve ser apresentada sem ambiguidades. O mestre tem a responsabilidade de remover os obstáculos que impedem que a mensagem seja compreendida corretamente.

2 Contextualização

Ensinar é conectar a verdade eterna ao presente. É explicar o “porquê” e o “para quê” dos mandamentos divinos, transformando conhecimento em sabedoria.

3 Compreensão

O objetivo final é que cada pessoa possa dizer: “Agora entendo”. Quando o povo compreendeu, o resultado foi arrependimento genuíno e profunda alegria (v. 9-12).

Como líderes, nossa missão não é acumular informação teológica, mas servir de ponte. O ensino poderoso é aquele que permite que a Bíblia deixe de ser apenas um livro antigo e se torne uma voz viva que transforma o coração, porque o amor e a vontade de Deus finalmente foram compreendidos.

Pastores, teólogos e administradores são mestres, responsáveis pela alfabetização adventista da nova geração. Se não ensinarmos nossa cultura – o sábado, o santuário, o estilo de vida cristão e os demais fundamentos da fé –, a cultura contemporânea ocupará esse espaço. Ensinar a identidade adventista não significa impor um peso do passado, mas entregar a nossos filhos a bússola bíblica que lhes permitirá saber quem são diante de Deus, em um mundo que tenta convencê-los de que podem ser aquilo que desejarem.

O pastor não é apenas um administrador de igrejas ou instituições; é o guardião de uma memória sagrada que precisa ser transmitida. O maior sucesso pastoral não se mede por edifícios ou estatísticas, mas pela fidelidade com que a próxima geração reconhece sua identidade na Palavra de Deus. E tudo isso depende do ensino.

Se nosso ensino não produz uma contracultura, não estamos proclamando a Palavra; estamos apenas adornando a tradição. Se, como igreja, nossa instrução não gera uma contracultura visível, é porque trocamos nossa herança por um prato de suposta relevância social.

O pastor, o teólogo e o administrador adventista que, ao ensinar, procuram ser “contemporâneos” ou “relevantes” à custa de sua identidade acabam se tornando irrelevantes para ambos os mundos: para o adventismo que abandonam e para o mundo que tentam conquistar.

administrativo, no distrito pastoral, na universidade, na editora, nos estúdios de TV e rádio, no hospital, na vida privada e em todos os demais ambientes em que servimos. A coerência – a congruência entre doutrina e conduta – é a única apologética que a cultura contemporânea reconhece e respeita.

Tudo isso envolve um perigo: uma administração, uma teologia e um ministério pastoral pragmáticos, que sacrificam princípios em nome da conveniência, destroem a identidade mais rapidamente do que qualquer apostasia doutrinária. Praticar a Lei é o mais elevado ato de resistência diante da cultura da conveniência e da subjetividade do eu. Ao obedecermos à Verdade, declaramos que nossas ideias, preferências e inclinações devem se submeter aos mandamentos e princípios sagrados das Escrituras.

3. *Ensinar é a responsabilidade com o discipulado.* O verbo “ensinar” (v. 10) significa muito mais do que transmitir informações; implica capacitar, formar e conduzir os crentes à justiça e ao amor a Deus.⁶ No caso de Esdras, o estudo, a prática da Lei e o ensino constituem o segredo de sua eficácia como líder: um ministério que instrui a partir da experiência vivida e capacita a comunidade a viver em conformidade com a vontade divina.⁷

O aspecto crucial é que esses três elementos operam como um conjunto integrado. A ordem correta é: estudar, praticar (obedecer) e, então, ensinar. Esse triângulo demonstra que Esdras não foi apenas um erudito distante, um administrador eficiente ou simplesmente um pastor habilidoso. Ele foi um mestre exemplar; e, por isso mesmo, precisava ser um praticante daquilo que ensinava. E quem pratica não pode se limitar a demonstrar: deve encarnar aquilo que espera ver em seus discípulos.

Conclusão

Diante dos desafios do mundo de hoje, não basta conhecer o texto bíblico de forma isolada. Os teólogos e pastores de hoje também precisam estudar as correntes culturais contemporâneas – a pós-modernidade, o relativismo, o transumanismo e outras tendências de pensamento, a fim de evitar respostas prontas e superficiais. O estudo exige que a identidade adventista não seja uma mera repetição



Praticar a Lei é o mais elevado ato de resistência diante da cultura da conveniência e da subjetividade do eu.



de fórmulas do século 21, mas uma resposta renovada, consistente e biblicamente fundamentada às questões existenciais contemporâneas. Estudar é discernir as feridas da cultura para aplicar o bálsamo da Palavra.

Além disso, existe o risco de que a estrutura institucional obscureça a vivência do evangelho. Por isso, precisamos nos lembrar de que a identidade adventista deve se manifestar no estilo de vida. Se pregamos a justiça, nossas igrejas e instituições devem ser modelos de dignidade no tratamento das pessoas, equidade e respeito. Se pregamos o amor e a bondade, nossas igrejas e instituições precisam demonstrar ternura, compaixão e consideração pelas pessoas, em todas as circunstâncias. Se pregamos honestidade e transparência, todos os pastores e obreiros, independentemente de sua função ou posição, devem viver com integridade e clareza. Se pregamos igualdade, todos devem ser tratados de maneira justa, sem corporativismo ou favorecimentos indevidos; a justiça e a imparcialidade precisam caracterizar tanto a conduta institucional quanto o ministério pastoral.

Por fim, pastores e educadores enfrentam o desafio de ensinar verdades absolutas em uma linguagem que dialogue com uma geração visual, cética e fragmentada. Ensinar já não consiste apenas em ministrar aulas ou transmitir conteúdo; é também criar espaços de diálogo e reflexão. Precisamos avançar de um ensino meramente informativo para um ensino transformador, utilizando novas plataformas, linguagens e narrativas sem diluir a mensagem do terceiro anjo, para que a identidade adventista seja compreensível, relevante e atraente para o século 21. ■

Referências

1. Roger Scruton, *An Intelligent Person's Guide to Modern Culture* (South Bend, IN: St. Augustine's Press, 2000), p.1.
2. Embora o termo tenha surgido no contexto da psiquiatria para descrever o medo do lar, Scruton o incorporou à filosofia política e à sociologia para diagnosticar o que considerava uma patologia cultural das sociedades ocidentais contemporâneas.
3. Zack Eswine, *Preaching to a Post-Everything World: Crafting Biblical Sermons That Connect with Our Culture* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2008), p.133,134.
4. Tiberius Rata, *Ezra-Nehemiah: A Mentor Commentary*, Mentor Commentaries (Ross-shire, Scotland: Mentor, 2010), p.17.
5. Eswine, *Preaching to a Post-Everything World*, p.133,134.
6. Mervin Breneman, *Ezra, Nehemiah, Esther*, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1993), p.129,130.
7. Breneman, *Ezra, Nehemiah, Esther*, p.129,130.



VIDA em COMUNIDADE

O poder dos pequenos
grupos na igreja local

A vida da igreja local pulsa com intensidade onde há discipulado genuíno, relacionamentos autênticos e missão compartilhada. Em tempos de fragmentação relacional, os pequenos grupos emergem como um modelo bíblico e relacional para que a comunidade cristã viva, cresça e permaneça firme. Mais do que um método, os pequenos grupos representam uma maneira de ser igreja no cotidiano. Eles oferecem um formato flexível, acessível e profundo para o exercício da fé cristã em sua forma mais prática: amar a Deus e amar ao próximo.

Jesus, ao interceder por Seus discípulos em João 17, expressou o desejo de unidade: “A fim de que todos sejam um. E como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, também eles estejam em Nós” (v. 21a). Essa unidade visível tem um propósito missionário: “Para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (v. 21b). Os pequenos grupos funcionam como um ambiente privilegiado em que a unidade, o amor e o serviço se tornam visíveis, tangíveis e transformadores. Eles encarnam o discipulado diário, a amizade cristã e a missão prática, tornando-se um antídoto contra o individualismo religioso.

A seguir, refletiremos sobre três grandes benefícios da atuação dos pequenos grupos na igreja local: o acompanhamento espiritual por meio do discipulado, a construção de relacionamentos transformadores e o fortalecimento da missão.

Acompanhamento espiritual

O discipulado não é um evento, mas um processo contínuo de crescimento e transformação. Nos pequenos grupos, os membros têm a oportunidade de caminhar juntos, orar uns pelos outros, estudar a Palavra, confessar lutas, celebrar vitórias e manter uma fé ativa. Essa prática remete ao estilo de vida da igreja apostólica, onde “todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum” (At 2:44).

O acompanhamento próximo realizado nos pequenos grupos torna-se um verdadeiro termômetro da espiritualidade genuína vivida pela comunidade. Ao contrário da impressão superficial que pode ser obtida apenas nos cultos públicos – onde muitos comparecem, mas nem sempre revelam sua realidade interior –, a convivência regular em grupos menores permite que líderes e irmãos percebam com mais clareza o estado espiritual de cada membro. Assim, a fé deixa de ser algo apenas visível no comportamento externo e passa a ser acompanhada em profundidade: nas lutas diárias, nas dúvidas silenciosas, nas vitórias espirituais e nas orações compartilhadas.

Esse tipo de convivência favorece um cuidado pastoral mais eficaz e uma comunidade mais autêntica, em que é possível crescer, corrigir rumos e fortalecer os vínculos com Deus e com os irmãos. Ao contrário do anonimato que pode ocorrer em grandes reuniões, nos pequenos grupos há espaço para conhecer e ser conhecido. Pastores e líderes podem, por meio dos líderes de grupo, acompanhar a jornada espiritual de cada membro com maior proximidade, garantindo um cuidado espiritual mais pessoal. Dessa forma, o crescimento deixa de ser apenas institucional e passa a ser profundamente relacional.

Além disso, o discipulado praticado no ambiente do pequeno grupo é essencialmente relacional. Como afirmou Ellen White: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador Se misturava com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem.”¹ O discipulado floresce na convivência, e os pequenos grupos são terreno fértil para essa dinâmica. Não há substituto para a presença constante de irmãos e irmãs na fé, especialmente nos momentos de crise, transição ou amadurecimento espiritual.

Relacionamentos transformadores

Muitas estatísticas revelam a dor da apostasia: membros que desaparecem silenciosamente das fileiras da igreja, muitas vezes por se sentirem sozinhos, não acolhidos ou por não encontrarem sentido prático na fé que professam. Os pequenos grupos podem servir como uma ponte que impede essa ruptura, oferecendo uma comunidade de apoio emocional, social e espiritual.

Nos grupos, amizades sinceras são construídas. O amor mútuo, sinal visível do discipulado (Jo 13:35), não se expressa apenas nos cultos formais, mas também nos gestos cotidianos: uma visita, uma oração, uma ajuda prática. Relacionamentos assim não apenas acolhem, mas transformam. A igreja passa a ser percebida como um lugar de pertencimento, e a experiência do membro se torna mais plena e significativa. Como afirmou o pastor Steve Gladen: “Relacionamentos autênticos e significativos são a principal razão pela qual as pessoas permanecem na igreja local.”²

Na igreja apostólica, vemos que “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo” (At 2:46, 47). A beleza da vida cristã está justamente em viver com os outros, suportar-se mutuamente e crescer juntos. Os pequenos grupos tornam essa experiência possível na prática.

Além disso, os relacionamentos formados nos grupos criam uma rede de pertencimento e responsabilidade mútua. O cuidado entre os membros ajuda a identificar sinais de enfraquecimento espiritual, frieza ou afastamento, permitindo uma ação preventiva e acolhedora. Ninguém deveria se sentir invisível dentro do corpo de Cristo, e os pequenos grupos tornam visível aquele que poderia passar despercebido.

Fortalecimento da missão

A igreja não existe apenas para seus membros, mas também para o mundo. Em João 17, Cristo ora para que a unidade da igreja se torne um testemunho ao mundo. Nesse contexto, os pequenos grupos transformam consumidores de fé em servos ativos. Por estarem mais próximos das necessidades reais da comunidade, os grupos se tornam braços missionários da igreja.

A missão não é apenas geográfica, mas também relacional. Um pequeno grupo que ama, acolhe e serve reflete o caráter de Cristo à vizinhança. Crianças, jovens, adultos e idosos podem encontrar seu espaço de serviço e atuação

missionária no grupo, de acordo com seus dons e suas possibilidades. A igreja local se torna mais ágil, contextualizada e impactante quando a missão não se restringe ao púlpito, mas é levada aos lares, às calçadas e aos corações.

A multiplicação dos pequenos grupos também é um sinal de saúde espiritual. Onde há vida, há crescimento. Como uma engrenagem bem lubrificada, os pequenos grupos mobilizam a igreja local em diversas frentes: visitação, assistência social, estudo bíblico, evangelismo e batismos. São verdadeiros aceleradores da missão. Ellen White escreveu: "A formação de pequenos grupos, como uma base de esforço cristão, é um plano que tem sido apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar."³

Nesse mesmo sentido, Russell Burrill reforçou: "A igreja do Novo Testamento não era apenas uma igreja com pequenos grupos. Ela era uma igreja de pequenos grupos."⁴ A atuação do grupo no bairro, no condomínio, na zona rural ou na comunidade urbana leva o evangelho a lugares que o templo, sozinho, dificilmente alcançaria. Somado ao envolvimento e   motivação dos membros, isso produz uma igreja viva, pulsante e relevante.

História real

Marta cresceu no interior de Goiás, em uma cidade pequena, onde os sonhos pareciam maiores do que as oportunidades. Com o desejo de construir um futuro diferente, decidiu enfrentar o desafio de mudar-se para a capital. O plano era claro: estudar, trabalhar e conquistar sua independência. Mas a realidade logo mostrou que o caminho seria árduo.

Durante o dia, trabalhava intensamente para garantir o sustento.   noite, seguia para a faculdade, tentando equilibrar cansaço, estudos e as despesas de uma vida recém-iniciada longe da família. O aluguel, a alimentação e as contas exigiam esforço constante. Ainda assim, mantinha-se firme, mesmo convivendo com a solidão que frequentemente acompanha quem recomeça distante de casa.

Foi na faculdade que conheceu um jovem da igreja. Percebendo o quanto Marta estava isolada entre longas jornadas de trabalho e estudo, ele começou a convidá-la para um pequeno grupo que se reunia às sextas-feiras   noite. Ali, Marta encontrou algo inesperado: pessoas acolhedoras, conversas sinceras e amizades que se tornaram um refúgio em meio   rotina desgastante.

Até que, certa sexta-feira, tudo pareceu desmoronar. Enquanto trabalhava, alguém invadiu sua casa. Entre os objetos levados estavam itens simples, mas profundamente significativos: o liquidificador, a chapinha que usava para

arrumar o cabelo e, principalmente, o envelope guardado na gaveta com todo o dinheiro do aluguel. O impacto foi devastador. Sem recursos e emocionalmente abalada, Marta avisou ao líder do pequeno grupo que não conseguiria comparecer naquela noite.

Ao saber o ocorrido, ele orou com ela ao telefone, mas decidiu não parar ali. Entrou em contato com os integrantes do grupo e, rapidamente, organizaram uma arrecadação. Conseguiram o valor do aluguel. Compraram um liquidificador novo. Uma das amigas, que possuía duas chapinhas, separou uma para ela.

Naquela noite, enquanto Marta permanecia sozinha em casa, chorando e tentando entender o que faria dali em diante, ouviu vozes do lado de fora. O pequeno grupo estava à sua porta. Havia preparado uma serenata. Ela imaginou que fosse apenas uma visita de apoio e oração. Mas, junto às palavras de encorajamento, vieram também os presentes e a ajuda necessária para recomeçar.

A experiência marcou profundamente sua vida. O que parecia apenas uma reunião semanal havia se tornado uma família. Em sua noite mais difícil, Marta descobriu que existiam pessoas dispostas a chorar com ela, ajudá-la em suas necessidades e caminhar ao seu lado.

Comunhão, relacionamento e missão

A atuação dos pequenos grupos não substitui os cultos, ministérios ou estruturas eclesiol gicas; pelo contrário, ela os potencializa. Os pequenos grupos não são apenas uma programação da igreja, mas a expressão viva do corpo de Cristo em movimento.

Quando o discipulado   constante, os relacionamentos são transformadores e a missão é fortalecida, a igreja passa a experimentar João 17: comunhão, relacionamento e missão. Os pequenos grupos se tornam um espelho do Céu, uma miniatura da igreja celestial e uma manifestação do reino de Deus nas ruas e nos lares.

Cada pequeno grupo se torna uma janela aberta para o Céu, um altar doméstico, um posto avançado da graça. Quando bem estruturados e acompanhados, os pequenos grupos contribuem para que a igreja local seja uma igreja vibrante, acolhedora e fiel à sua missão. ■

Referências

- ¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 78.
- ² Steve Gladen, *Pequenos Grupos com Propósitos* (São Paulo: Editora Palavra, 2021), p. 56.
- ³ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 81.
- ⁴ Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 92.

Um ministério **centrado** em

CRISTO

Seguindo os **passos** do Mestre

"PORQUE DECIDI NADA SABER ENTRE VOCÊS, A NÃO
SER JESUS CRISTO, E ESTE, **CRUCIFICADO**." 1 CORÍNTIOS 2:2



Dia do Pastor

31 DE OUTUBRO



Cristhian Álvarez Zaldúa
líder de Escola Sabatina,
Ministério Pessoal,
Evangelismo e Capelania na
União Equatoriana



FORMAÇÃO INTEGRAL DO DISCÍPULO

Fundamentos bíblicos e
desafios contemporâneos

O termo “discipulado” nos conecta diretamente à missão que Jesus deixou à Sua igreja: fazer discípulos (Mt 28:19). No Antigo Testamento, encontram-se as palavras *talmid* (1Cr 25:8) e *limmud* (Is 8:16; 50:4), traduzidas como “discípulo” ou “ensinados”. Já no Novo Testamento, o vocábulo *mathetês* carrega a ideia de “aprendiz, pupilo, aluno, discípulo”. Tanto no mundo grego quanto no judaísmo do tempo de Jesus, o discípulo era aquele que seguia um mestre, aprendia com ele e transmitia seus ensinamentos a outros.

Nesse contexto, surge a pergunta: Como alguém se torna discípulo de Cristo? Segundo a Grande Comissão, isso envolve a proclamação e a aceitação do evangelho, o batismo e a obediência aos ensinamentos de Jesus (Mt 28:19, 20). Esse padrão pode ser observado ao longo do livro de Atos, em que aqueles que recebiam a Palavra criam, eram batizados e passavam a integrar a comunidade dos seguidores de Cristo (At 2:41; 6:2; 14:21). Portanto, biblicamente, o discipulado é o processo pelo qual uma pessoa é conduzida a Jesus, formada por Seus ensinamentos e

capacitada a compartilhar a fé, cooperando na formação de novos discípulos (At 2:42; 14:22).

A maturidade espiritual

Segundo Efésios 4:11 a 13, o objetivo do discipulado é aperfeiçoar os crentes, edificar o corpo de Cristo e conduzi-los à unidade da fé e à maturidade espiritual, isto é, “à medida da estatura da plenitude de Cristo” (v. 13). Esse crescimento inclui o conteúdo teológico do evangelho, para que os cristãos não sejam “como crianças, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina” (v. 14). Assim, o discipulado busca formar crentes maduros em Cristo, que aprendam diariamente a viver de acordo com os princípios bíblicos e sejam capazes de distinguir entre a verdade e o erro.

Visto que a maturidade espiritual do discípulo está ligada à sua maturidade doutrinária, a pureza doutrinária era fundamental para a igreja apostólica. Paulo exortava os cristãos a conservar a doutrina que haviam aprendido (2Ts 2:15), a cuidar dela (1Tm 4:16) e a ensinar a sã doutrina (Tt 2:1). Além disso, os apóstolos advertiram contra os falsos mestres (At 20:28-30; Tt 1:10, 11; 2Tm 2:17; 4:1-4; 2Pe 2:1-22; 2Jo 1:1-7 e Jd 1:1-4), cujos ensinamentos eram “heresias destruidoras” (2Pe 2:1). Paulo chegou até mesmo a orientar que os cristãos se afastassem deles (Rm 16:17, 18) e declarou anátema qualquer pessoa que pregasse outro evangelho (Gl 1:8, 9).

Uma instrução doutrinária adequada busca levar os discípulos a refletir o caráter do Salvador. Jesus expressou isso ao dizer: “O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6:40). Dessa forma, o discipulado – fundamentado na Palavra de Deus – é um processo de aperfeiçoamento que conduz o crente a tornar-se semelhante a Cristo, vivendo e pensando como Ele.

Seguindo o modelo da igreja apostólica, nós, adventistas do sétimo dia, possuímos uma verdade presente (2Pe 1:12) que deve ser ensinada antes e depois do batismo. Assim, os novos conversos poderão compreender a mensagem que recebemos e não pensarão que estão apenas ingressando em mais uma igreja.

A necessidade de instrução adequada

Alguns afirmam que não é necessário enfatizar a instrução doutrinária antes do batismo, porque, no Novo Testamento, o processo de proclamação do evangelho era muito simples: as pessoas ouviam algo sobre Jesus e imediatamente eram batizadas. Contudo, essa conclusão exige cautela, pois a Bíblia e o contexto profético apresentam fatores que precisam ser

considerados: (1) a preparação dos conversos na igreja apostólica; (2) a sociedade secular e pós-moderna; (3) a sociedade pós “chifre pequeno”; e (4) as recomendações de Ellen White. Analisaremos a seguir cada um desses aspectos.

1. A preparação dos conversos na igreja apostólica. Muitos dos batizados no Novo Testamento eram judeus ou prosélitos (At 2:11; 13:43), já familiarizados com ensinamentos básicos, como o monoteísmo, as Escrituras e o sábado, entre outras doutrinas.² Por isso, a instrução doutrinária concentrava-se em apresentar Jesus como o Messias.³ Ainda assim, antes do batismo sempre houve ensino: Pedro pregou, e aqueles que aceitaram a Palavra foram batizados (At 2:41, 42); Filipe ensinou em Samaria e ao eunuco etíope (At 8:12, 35); Pedro instruiu Cornélio e sua casa (At 10:24-48); e Paulo e Silas ensinaram o carcereiro de Filipos (At 16:32, 33). Embora essa instrução nem sempre fosse extensa, existia um conteúdo teológico que precisava ser aceito antes que alguém se tornasse discípulo.

2. A sociedade secular e pós-moderna. Desde a década de 1960, o pós-modernismo tem exercido profunda influência sobre a sociedade, especialmente no Ocidente, difundindo globalmente o relativismo e rejeitando as verdades absolutas das Escrituras.⁴ Além disso, questiona as “metanarrativas”,⁵ negando a Bíblia como explicação suprema da realidade e favorecendo narrativas individuais que reinterpretam o pecado como mero estilo de vida.

Como se pode perceber, esse é um desafio singular que a igreja enfrenta ao evangelizar as pessoas de nosso tempo, algo que não existia no primeiro século. Elas precisam compreender que os pressupostos do pós-modernismo não estão em harmonia com a mensagem bíblica. Para que isso aconteça e elas se tornem verdadeiros discípulos de Jesus, é necessário comunicar com clareza a “metanarrativa” das Escrituras: o plano da salvação e suas implicações. Caso contrário, corremos o risco de formar pessoas com uma mentalidade secular e pós-moderna, o que pode gerar sérios problemas no contexto da igreja.

3. A sociedade pós “chifre pequeno”. Paulo anunciou a apostasia e a manifestação do “homem do pecado”, cumpridas no desenvolvimento de Roma papal, cujo domínio se estendeu por 1.260 anos (Dn 7:25; Ap 12:6, 14; 13:5) e cujos efeitos ainda persistem no mundo religioso. Sob o símbolo de Babilônia, o papado e suas igrejas filhas (Ap 14:8; 17:4, 5) são descritos como responsáveis por embriagar as nações com falsas doutrinas (Ap 17:2), levando muitos ao engano.

Essa distorção da fé cristã, desconhecida no primeiro século, torna indispensável que a Igreja Adventista do Sétimo

Dia – o único povo que cumpre as características distintivas de Apocalipse 12:17 e 14:12 – ensine essas verdades com clareza bíblica dentro da estrutura profética do grande conflito, ajudando as pessoas a distinguir entre a verdade e o erro. Caso contrário, alguns poderão integrar-se à igreja sem abandonar ideias equivocadas herdadas desse sistema religioso.

4. *As recomendações de Ellen White.* As instruções que a mensageira do Senhor deu à igreja a respeito do cuidado que se deve ter com aqueles que serão aceitos por meio do batismo são bastante claras e específicas. Ela enfatiza que “a preparação para o batismo é um assunto que deve ser cuidadosamente estudado. Os novos conversos à verdade devem ser fielmente instruídos no positivo ‘Assim diz o Senhor.’ A Palavra do Senhor deve ser lida e explicada a eles ponto por ponto.”⁶

Mais adiante, ela afirma que “é necessário um preparo mais cuidadoso dos que se apresentam como candidatos ao batismo. Há necessidade de mais cuidadosa instrução do que em geral recebem. Os princípios da vida cristã devem ser claramente explicados aos recém-convertidos.”⁷

Ela insiste na importância de preparar bem os candidatos ao batismo ao declarar o seguinte: “Os candidatos ao batismo não têm sido tão cuidadosamente examinados em relação ao seu discipulado quanto o deviam ser. É necessário saber se meramente adotaram o nome de ‘adventistas do sétimo dia’ ou se realmente se colocaram ao lado do Senhor, renunciando ao mundo e estando dispostos a não tocar em nada imundo. Antes do batismo devem ser feitas a eles perguntas de sua experiência [...]. As exigências do evangelho devem ser estudadas a fundo com os batizando.”⁸

Em harmonia com o exposto acima, a Igreja Adventista adotou uma posição oficial registrada no *Manual da Igreja*. Ela estabelece que toda pessoa que deseja unir-se à igreja deve ser devidamente preparada. Na edição de 2025, lê-se o seguinte: “Os candidatos, seja de maneira individual ou em uma classe batismal, devem ser instruídos acerca das Crenças Fundamentais e das práticas da igreja com base nas Escrituras, além de suas responsabilidades como membro. O pastor deve assegurar à igreja, mediante o exame público, que os candidatos foram devidamente instruídos e estão comprometidos com esse importante passo. Por sua prática e conduta, devem demonstrar a aceitação voluntária

“
**O discípulo
é aquele que
se converte
a Cristo,
persevera
na fé e se
multiplica
em outros
discípulos.**

das doutrinas da igreja e dos princípios de conduta que são a expressão visível dessas doutrinas. Afinal, ‘pelos seus frutos vocês os conhecerão’ (Mt 7:20).”⁹

As pessoas devem ser bem instruídas para se comprometerem com Jesus, afastarem-se do erro e compreenderem claramente as implicações da verdadeira fé, a fim de permanecerem fiéis até o fim (Cl 1:23). Isso inclui, por exemplo, receber instruções sobre a obra de Cristo no santuário celestial (Hb 8:1, 2); cultivar um relacionamento espiritual profundo com Ele (Jo 15:1-8); guardar os mandamentos de Deus (Jo 14:15); respeitar o sábado (Êx 20:8-11); cuidar do corpo (1Co 6:19, 20); viver em pureza moral (1Co 5:9, 10); e ser fiel nos dízimos e nas ofertas (Mt 3:9, 10). Não é ético pedir que alguém abrace uma fé que não conhece, sem que suas exigências tenham sido plenamente explicadas.

Conclusão

No Novo Testamento, o discípulo é aquele que se converte a Cristo, persevera na fé e se multiplica em outros discípulos. Também se observa a importância da instrução doutrinária para o desenvolvimento da maturidade espiritual ao longo da vida cristã. Essa instrução bíblica é fundamental para o discipulado, tanto antes quanto depois do batismo. Antes, conduz o candidato a receber Cristo como Salvador, fundamenta sua fé, corrige conceitos equivocados e o liberta do erro; depois, fortalece sua identidade adventista, ajuda-o a permanecer firme na fé, capacita-o a compartilhar o evangelho, defender suas crenças e viver de acordo com a vontade de Deus. ■

Referências

- ¹ James Strong, *Nueva Concordancia Strong Exhaustiva de la Biblia* (Miami: Editorial Caribe, 2002).
- ² Alfonso Roper, Alfonso Triviño e Silvia Martínez, *Diccionario Enciclopédico Bíblico Ilustrado* (Barcelona: Editorial Clie, 2016), p. 1286, 1287.
- ³ Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli, *Comentario Bíblico Mundo Hispano: Hechos* (El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1994), v. 18, p. 46.
- ⁴ Para uma análise mais aprofundada dos efeitos do pós-modernismo sobre a fé cristã, veja Fernando Aranda Fraga, “La Escatología Secular Contemporánea: ¿Retorno a la immanencia?”, *DavarLogos* 3.1 (2004), p. 52-55.
- ⁵ Para um aprofundamento dessas ideias, veja Lloyd Pettiford e Melissa Curley, *Changing Security Agendas and the Third World* (Londres: Pinter, 1999), p. 57-68 e Christopher Butler, *Postmodernism: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2002), p. 13-16.
- ⁶ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 257.
- ⁷ White, *Evangelismo*, p. 257.
- ⁸ White, *Evangelismo*, p. 260.
- ⁹ *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2025), p. 53.



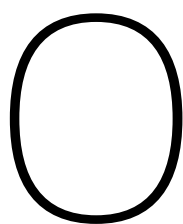
Otávio Barreto
secretário ministerial
associado e diretor de
Capelania da DSA



CHAMADOS

para quê?

Três colunas do ministério adventista



ministério adventista nasceu para cumprir a missão. Os primeiros pregadores sabatistas eram homens de sustento próprio que cruzavam vilas e cidades para reunir o rebanho espalhado e, no meio do caminho, ainda precisavam trabalhar em diversas atividades para ganhar o próprio pão. Tiago White viveu isso na prática. Para sustentar a si mesmo e a obra, ceifou feno, carregou pedras para a ferrovia e cortou lenha, sem nunca deixar de pregar.

A abnegação dos pioneiros, porém, tinha um custo. Homens como John Loughborough e John Andrews trabalhavam até a exaustão para garantir seu sustento enquanto viajavam para pregar, e outros, desanimados, chegaram a abandonar o posto.¹ Em meio aos desafios, sobrava pouco tempo para a missão, e a obra avançava lentamente.

A situação começou a mudar em 1859, quando a igreja de Battle Creek adotou um plano de contribuição regular conhecido como Benevolência Sistemática.² Com os membros unidos na manutenção do ministério, foi possível enviar os primeiros pastores de dedicação exclusiva, que tinham um alvo bem claro: alcançar quem ainda não conhecia a verdade e levantar igrejas onde não havia nenhuma.

Desde o início, portanto, o avanço missionário e o cuidado das pessoas caminharam juntos. Essa vocação se desdobra em três tarefas: o pastor adventista é chamado a conquistar pessoas, capacitá-las e cuidar delas. São os três “Cs” do chamado, e todos servem ao mesmo propósito: o avanço da missão.

O pastor como conquistador

A dimensão mais antiga do ministério é a do conquistador de almas. Foi para isso que a Benevolência Sistemática proporcionou ao obreiro condições de se dedicar exclusivamente a essa tarefa, estando livre do trabalho secular: para que ele pudesse ir aonde ninguém ainda havia chegado e conquistar quem não havia sido conquistado. Os primeiros pastores

de tempo integral não foram chamados para cuidar do que já existia, mas para abrir caminho onde ainda não havia igreja alguma.

Esse era, aliás, o propósito concreto de seu envio: plantar igrejas em lugares não alcançados. O obreiro não saía para se acomodar em um rebanho pronto, mas para formar um rebanho novo. E cada igreja organizada se tornava, por sua vez, uma base para alcançar a região ao seu redor.

Ellen White voltou a esse tema muitas vezes, sempre com franqueza. O perigo que ela identificava não era o pastor trabalhar pouco, mas concentrar seus esforços no lugar errado: “Nossos pastores devem saber planejar sabiamente, como mordomos fiéis. Devem sentir que não é seu dever circular pelas igrejas já formadas, mas que devem fazer trabalho evangélico ativo, pregando a Palavra e fazendo trabalho de casa em casa nos lugares em que a verdade ainda não foi ouvida.”³

A preocupação dela era prática. Quando o obreiro se acomoda em congregações que já conhecem a verdade, dois prejuízos surgem ao mesmo tempo: os campos novos ficam sem testemunho, e a própria igreja atendida perde o vigor. Ellen White chegou a advertir que tanto o pastor quanto a congregação acabam definhando quando o ministério se reduz a pregar para quem já está convertido.⁴ É o trabalho de conquistar pessoas que mantém o ministério ativo e voltado para aqueles que ainda não conhecem a Cristo.

O pastor como capacitador

Com o tempo, as igrejas cresceram e, com elas, surgiu uma demanda legítima por membros mais preparados. As congregações passaram a pedir pastores que as ajudassem a amadurecer na fé. Foi então que surgiu uma tensão que acompanha o ministério adventista até hoje: um pastor fixo em uma igreja poderia esfriar no evangelismo, enquanto a igreja correria o risco de se acostumar a depender dele para tudo.

A resposta de Ellen White não foi afastar o pastor da igreja local, mas redefinir sua atuação nela. Ao lado da congregação, sua principal vocação é formar discípulos mais do que apenas pregar: “Logo que seja organizada uma igreja, o pastor deve colocar seus membros para trabalhar. Eles terão que ser ensinados a labutar com êxito. Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar.”⁵

O alvo continua sendo evangelístico. Cada novo discípulo é, no fundo, um missionário em formação, e cabe ao pastor prepará-lo para alcançar outras pessoas. Por isso, a pioneira afirmou que o melhor que se pode fazer por uma igreja não é servi-la para sempre, mas ensiná-la a servir: “O maior auxílio que se pode prestar ao nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus e confiar Nele, e não nos pastores. Aprendam a trabalhar como Cristo trabalhou.”⁶

Vista assim, a obra de capacitar não disputa espaço com a de conquistar; na verdade, ela é uma maneira de ampliar o evangelismo, porque coloca a igreja inteira em movimento. Ellen White descrevia a congregação local quase como uma escola de obreiros, na qual os membros aprendem, na prática, os métodos do trabalho missionário. O pastor que

assume esse papel, em vez de fazer tudo sozinho, entende que a melhor estratégia é preparar outros para a missão. Embora isso exija bastante trabalho no início, o resultado final será muito mais satisfatório.

O pastor como cuidador

O terceiro chamado do pastor – e, talvez, o que mais corre o risco de ser menosprezado em nome dos outros dois – é para cuidar. Há pessoas que precisam ser visitadas, ouvidas e acompanhadas de perto, uma casa de cada vez. Esse cuidado não é uma pausa no evangelismo. Ao contrário, é uma das formas mais eficazes de evangelizar.

Ellen White não separa as duas coisas. Para ela, o contato pessoal, no ambiente do lar, muitas vezes alcança o coração de um modo que não é possível no púlpito: “A apresentação de Cristo em família, no lar e em pequenas reuniões em casas particulares é muitas vezes mais bem-sucedida em atrair pessoas para Jesus do que sermões feitos ao ar livre, às multidões em movimento, ou mesmo em salões e igrejas.”⁷

Ela também faz questão de lembrar ao pregador que o sermão não encerra o trabalho, mas apenas o inicia: “Quando um ministro do evangelho prega um sermão, sua obra está apenas começando. Há um trabalho pessoal para ele fazer. Deverá visitar o povo em seus lares, falando e orando com eles com fervor e humildade.”⁸

Não é por acaso que aquele primeiro plano de sustento, em 1859, já previa o amparo aos mais vulneráveis da comunidade. Cuidar de pessoas sempre fez parte da missão adventista, e não deve ser considerado um mero apêndice dela. A visitação não rouba tempo da missão; ela leva a missão até a porta de cada pessoa, onde, no fim das contas, a maioria das grandes decisões é tomada.

Os três a serviço da missão

Na rotina de um pastor fiel, esses três chamados não vivem em compartimentos separados. Eles se sustentam mutuamente, e isso se traduz em decisões concretas. O pastor pode organizar um itinerário de visitação que atenda às reais necessidades de cuidado da igreja sem ocupar o espaço da evangelização. Pode manter um calendário de capacitação para as congregações de sua região, preparando os membros para a missão, em vez de apenas pregar para eles semana após semana. E pode fazer tudo isso sem perder de vista a razão de ser do ministério: conquistar pessoas para Cristo. ■

Referências

- 1 Kevin M. Burton, “Dupla Função”, *Revista Adventista*, maio de 2020, p. 24, 25.
- 2 Richard W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant* (Mountain View: Pacific Press, 1979), p. 178.
- 3 Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 266.
- 4 Ellen G. White, *Review and Herald*, 9 de fevereiro de 1905.
- 5 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 7, p. 20.
- 6 White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 19.
- 7 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 149.
- 8 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 232.





f @ X v /cpbeditora

CPB.COM.BR

A CPB NO SEU *Lar*

MAKING • Imagem: Gettyimages

Recursos que
fortalecem líderes
e servem à igreja.



Acesse e conheça
nossas 20 livrarias



LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP 
15 98100-5073

BAIXE O APP
CPB LOJA





Carina Prestes
professora de Teologia
e Arqueologia
no Unasp e curadora
no MAB



LIÇÕES DE UM BARCO DA GALILEIA

O melhor exemplo de discipulado é o ministério de Jesus com Seus discípulos. Durante cerca de três anos e meio, Ele os formou por meio de Suas palavras e de Sua vida. Pedro estava entre os primeiros a seguir Jesus. Os evangelhos relatam que, certa ocasião, o Mestre estava à beira do mar da Galileia e entrou no barco de Pedro para ensinar as multidões. Após concluir Sua mensagem, pediu que lançassem novamente as redes. O resultado foi extraordinário: eles pescaram uma enorme quantidade de peixes. Aquele milagre impactou profundamente Pedro, ampliando sua compreensão do poder de Deus e das possibilidades que surgem quando se obedece à Sua Palavra. Então, Jesus o chamou para segui-Lo, e Pedro respondeu positivamente, tornando-se discípulo e “pescador de gente” (Mc 1:17).

A imagem de Jesus com Seus discípulos em um barco aparece tanto no início quanto no fim de Seu ministério (cf. Lc 5:1-11; Jo 21:1-14). Antes de ascender ao Céu, Jesus encontrou-Se com os discípulos às margens do mar da Galileia. Naquela ocasião, eles estavam novamente pescando, por iniciativa de Pedro. Mais uma vez, Jesus realizou uma pesca milagrosa, reafirmando Seu poder e Sua missão para aqueles homens.

Entre essas duas pescas milagrosas, os evangelhos registram outros episódios marcantes. Um deles é a ocasião em que Jesus acalmou a tempestade quando os discípulos, exaustos e temerosos, achavam que o barco iria naufragar (Mt 8:23-27). Outro episódio ocorreu quando Jesus caminhou sobre as águas para encontrá-los. Pedro também saiu do

barco e foi ao encontro do Mestre caminhando sobre o mar. Contudo, ao desviar sua atenção de Jesus, começou a afundar, sendo imediatamente socorrido por Ele (Mc 6:45-52).

Essas experiências certamente marcaram profundamente a vida dos discípulos, especialmente a de Pedro. Elas reforçaram as lições ensinadas por Cristo e continuam inspirando gerações.

Para os discípulos, o barco:

- Estava associado ao seu chamado.
- Estava ligado aos milagres realizados por Jesus.
- Estava relacionado ao poder de Jesus como Messias.
- Lembrava-lhes seu propósito: serem pescadores de homens.
- Lembrava-lhes que Jesus conhecia suas necessidades e podia supri-las num instante.
- Testemunhava que Jesus estava no controle e sabia de todas as coisas, surpreendendo-os repetidamente, seja ao providenciar uma pesca milagrosa, acalmar uma tempestade ou andar sobre as águas.
- Recordava-lhes sua dependência de Deus.

Descoberta arqueológica

No ano de 1986, durante um período de seca extrema na Galileia, dois pescadores da região, que também eram arqueólogos amadores, encontraram um barco submerso no lodo às margens do mar da Galileia (link.cpb.com.br/b15d3d).

Após a notificação das autoridades locais, os arqueólogos trabalharam durante doze dias e doze noites para retirar a embarcação antes que a subida das águas a cobrisse novamente.



Algumas características chamaram atenção. O barco foi preservado por séculos porque permaneceu encoberto pelo lodo, o que impediu sua decomposição. Após ser retirado do mar da Galileia, passou por um cuidadoso processo de restauração, permanecendo cerca de doze anos imerso em cera antes de ser exposto ao público. Originalmente, foi construído com dez tipos diferentes de madeira, um indício de que recebeu diversos reparos ao longo de sua vida útil.

A embarcação media aproximadamente 8,2 metros de comprimento, 2,3 metros de largura e 1,3 metro de profundidade. Possuía um mastro para navegação à vela e espaço para quatro remos. Com base nas moedas e fragmentos de cerâmica encontrados em seu interior, os pesquisadores concluíram que o barco pertence ao primeiro século da era cristã.

Esse barco foi imediatamente chamado de “barco de Jesus” por apresentar diversas características em comum com as embarcações descritas nos evangelhos:

- Localização: foi encontrado no mar da Galileia;
- Datação: pertence ao primeiro século, o mesmo período do ministério de Jesus;
- Capacidade: podia transportar de 12 a 15 pessoas, número semelhante ao grupo que acompanhava Jesus;
- Formato: possuía fundo plano, adequado para chegar às margens. Os evangelhos relatam que Jesus entrou no barco de Pedro quando estava à beira do lago;
- Condição: pertencia a pessoas humildes, característica compatível com a realidade da maioria dos discípulos.

Embora não seja possível afirmar que Cristo ou os discípulos tenham realmente utilizado esse barco, ele possui grande valor histórico e arqueológico, pois nos ajuda a compreender e visualizar como eram as embarcações usadas na Galileia durante o primeiro século.

O barco e o discipulado na prática

O barco desempenhou um papel importante no ministério de Jesus e pode nos ensinar valiosas lições sobre o discipulado. Algumas delas são:

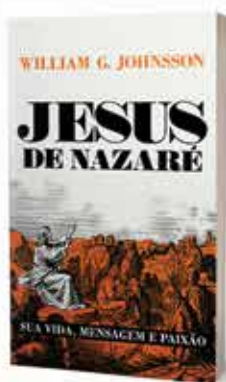
- As viagens de barco proporcionavam oportunidades para o Mestre passar tempo com os discípulos, sem distrações externas – o discipulado envolve tempo a sós com Jesus.
- Por seu tamanho, o barco mantinha os discípulos unidos – o discipulado envolve unidade.
- O barco os levava para diferentes lugares – o discipulado não é estático.
- O barco fazia parte das atividades do dia a dia – o discipulado aproveita as oportunidades da vida comum.

- Os diferentes tipos de madeira usados no “barco de Jesus” sugerem a condição econômica limitada de seu proprietário – o discipulado não requer grandes recursos, apenas união e tempo com Deus.
- Os diferentes tipos de madeira também apontam para um uso prolongado do barco. Da mesma forma, o discipulado não acontece da noite para o dia; requer tempo e transformação da maneira de pensar. Não é apenas acúmulo de conhecimento, mas transformação de caráter.
- O grupo de discipulado, assim como o barco, tem um limite. Se uma embarcação transportar mais pessoas do que sua capacidade permite, afundará. Da mesma forma, quando um grupo atinge determinado tamanho, torna-se necessário formar um novo grupo.
- Ao mesmo tempo que o barco oferecia proteção e abrigo, estava sujeito a danos e ao naufrágio. Para garantir a segurança de seus passageiros, exigia manutenção constante e o esforço de seus tripulantes – o discipulado envolve reparos no caráter e o desenvolvimento das habilidades sociais.
- O discipulado no barco, aos moldes de Jesus, incluía momentos alegres, como as pescas milagrosas, e momentos muito desafiadores, como as tempestades. Da mesma forma, haverá experiências memoráveis e também períodos de provação.
- Os momentos de grande alegria ou dificuldade têm o potencial de unir os participantes.
- Os barcos possuíam recursos para navegação, como mastro e remo, mas a verdadeira segurança estava na presença de Deus. Da mesma forma, o discipulado pode contar com diversos recursos, mas sua segurança real está na presença do Senhor.

Conclusão

O discipulado requer proximidade entre o líder e seus discípulos. É um processo que demanda tempo, perseverança, vigilância e disposição para corrigir o caráter e fortalecer os relacionamentos. Acima de tudo, depende da presença constante de Deus, que orienta e sustenta Seus seguidores. ■

Se você deseja aprender mais sobre arqueologia e a Bíblia, participe do 3º Congresso Internacional de Arqueologia e Ciências Bíblicas, que acontecerá no Unasp, campus Engenheiro Coelho, de 21 a 24 de outubro de 2026. Inscreva-se pelo site ciacb.com.br.

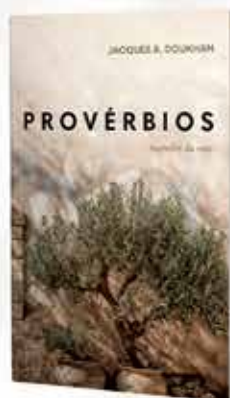


Jesus de Nazaré: Sua Vida, Mensagem e Paixão

William G. Johnsson
CPB, 2026, 336 p.

Este livro de referência para seminários adventistas narra o ministério terreno Daquele que literalmente dividiu a história. O autor reuniu e sistematizou os relatos dos quatro evangelistas com o propósito de criar um retrato vívido da pessoa de Jesus. Além disso, agregou informações acumuladas durante décadas de estudo devocional e pesquisa acadêmica, permitindo ao leitor familiarizar-se também com o contexto social e cultural da época em que Cristo viveu. O livro contém 31 capítulos, distribuídos em três partes que tratam, respectivamente, da vida, da mensagem e da paixão de Cristo.

Este livro de referência para seminários adventistas narra o ministério terreno Daquele que literalmente dividiu a história. O autor reuniu e sistematizou os relatos dos quatro evangelistas com o propósito de criar um retrato vívido da pessoa de Jesus. Além disso, agregou informações acumuladas durante décadas de estudo devocional e pesquisa acadêmica, permitindo ao leitor familiarizar-se também com o contexto social e cultural da época em que Cristo viveu. O livro contém 31 capítulos, distribuídos em três partes que tratam, respectivamente, da vida, da mensagem e da paixão de Cristo.



Provérbios: Segredos da Vida

Jacques B. Doukhan
CPB, 2026, 144 p.

O autor apresenta um estudo cuidadoso e envolvente do livro bíblico. Com profundidade acadêmica, aliada à clareza e à simplicidade, ele analisa os temas centrais de Provérbios ao longo de 13 capítulos, oferecendo uma perspectiva enriquecedora a partir de uma abordagem judaico-cristã. Se você deseja compreender melhor o que é a sabedoria, como adquiri-la, seus frutos e sua aplicação no cotidiano, este livro é para você.

O autor apresenta um estudo cuidadoso e envolvente do livro bíblico. Com profundidade acadêmica, aliada à clareza e à simplicidade, ele analisa os temas centrais de Provérbios ao longo de 13 capítulos, oferecendo uma perspectiva enriquecedora a partir de uma abordagem judaico-cristã. Se você deseja compreender melhor o que é a sabedoria, como adquiri-la, seus frutos e sua aplicação no cotidiano, este livro é para você.



Dios Con Nosotros: Una Introducción a la Teología Adventista

John Peckham
Aces, 2026, 320 p.

Trata-se de um estudo teológico profundamente reflexivo e acessível que conecta cada ensinamento adventista fundamental com a poderosa verdade de um Deus que caminha conosco. Este livro revela como o sábado, a redenção e a Segunda Vinda são expressões de um amor divino palpável e contínuo. Ideal para líderes de igreja e pessoas que buscam fortalecer sua fé em meio ao grande conflito entre o bem e o mal, esta obra é um guia para compreender como Deus restaura Seu relacionamento com a humanidade.

Trata-se de um estudo teológico profundamente reflexivo e acessível que conecta cada ensinamento adventista fundamental com a poderosa verdade de um Deus que caminha conosco. Este livro revela como o sábado, a redenção e a Segunda Vinda são expressões de um amor divino palpável e contínuo. Ideal para líderes de igreja e pessoas que buscam fortalecer sua fé em meio ao grande conflito entre o bem e o mal, esta obra é um guia para compreender como Deus restaura Seu relacionamento com a humanidade.



El Discipulado en Todos los Creyentes

Alejandro Bullón
Aces, 2020, 256 p.

Este livro analisa os princípios do discipulado, a fim de levar o leitor a compreender e colocar em prática essa missão tão especial. Temos um ideal: uma igreja em crescimento é necessariamente uma igreja que clama. Ela mantém suas portas abertas e, assim como um hospital, recebe pessoas que desejam ser curadas. É uma igreja acolhedora. Todas as suas atividades devem ser direcionadas a chamar os pecadores ao arrependimento para que, assim, eles se tornem membros do reino de Deus. Como enfatiza esta obra, agora é a nossa vez de fazer parte dessa missão.

Este livro analisa os princípios do discipulado, a fim de levar o leitor a compreender e colocar em prática essa missão tão especial. Temos um ideal: uma igreja em crescimento é necessariamente uma igreja que clama. Ela mantém suas portas abertas e, assim como um hospital, recebe pessoas que desejam ser curadas. É uma igreja acolhedora. Todas as suas atividades devem ser direcionadas a chamar os pecadores ao arrependimento para que, assim, eles se tornem membros do reino de Deus. Como enfatiza esta obra, agora é a nossa vez de fazer parte dessa missão.



Pablo Ale
editor da *Ministério*,
edição da Aces



PRIMEIRO DISCIPULAR, DEPOIS BATIZAR

A vida tem desses momentos imprevisíveis em que uma mensagem providencial muda nossa maneira de enxergar determinadas situações. Lembro-me de um deles. Eu estava exausto, tentando chegar ao quilômetro 17 de uma meia maratona. Naquela manhã de domingo, enquanto o ar quente castigava meu rosto, alcançar a linha de chegada dos 21 quilômetros parecia cada vez mais difícil. Foi então que vi, nas costas de um corredor à minha frente, a seguinte frase estampada na camiseta: “Ir mais devagar nem sempre significa ficar para trás.”

Podemos aplicar essa frase à nobre e desafiadora tarefa de fazer discípulos. Em um mundo acelerado, que cultua a velocidade e frequentemente confunde rapidez com eficiência, nós, como ministros, devemos nos lembrar de que “os mais rápidos nem sempre ganham a corrida” (Ec 9:11). Não existem soluções mágicas, tampouco no discipulado. Com facilidade, valorizamos mais os resultados do que o processo, esquecendo-nos de que ambos são indispensáveis. O discipulado, como toda grande vitória espiritual, exige planejamento, oração, trabalho, paciência e crescente dependência de Deus.

Em Mateus 28:19, Jesus ordena que primeiro façamos discípulos e depois os batizemos. Um princípio básico que nenhum pastor deve esquecer é que o batismo deve ser precedido pela instrução doutrinária. Ellen White afirmou: “O teste do discipulado não tem sido aplicado tão rigorosamente quanto deveria àqueles que se apresentam para o batismo. É necessário compreender se os que dizem ser convertidos estão simplesmente

tomando o nome de adventistas do sétimo dia ou se estão verdadeiramente assumindo sua posição ao lado do Senhor para sair do mundo e ser separados e não tocar em coisa imunda. Devem ser aceitos ao darem evidência de que compreendem plenamente sua posição. Mas quando mostram que estão seguindo os costumes, modas e opiniões do mundo, deve-se lidar honestamente com eles. Se não sentem a responsabilidade de mudar seu procedimento, não devem ser conservados como membros da igreja. O Senhor deseja que os que compõem a Sua igreja sejam mordomos fiéis e verdadeiros da graça de Cristo” (*Testemunhos Para Ministros* [CPB, 2025], p. 101).

Nesse aspecto, a ética pastoral também entra em ação. Devemos agir com responsabilidade. Não é apropriado batizar alguém sem explicar, com clareza, os privilégios e as responsabilidades de ser discípulo. Tampouco faz sentido batizar alguém em um sábado pela manhã e, semanas depois, explicar-lhe a devolução do dízimo e por que cremos que Ellen White foi uma mensageira do Senhor.

Ir mais devagar não significa, necessariamente, ficar para trás. Em contrapartida, apressar-se e formar discípulos sem a devida maturidade espiritual é um grande retrocesso. Resultados imediatos são tentadores, mas frequentemente produzem discípulos incompletos, membros instáveis e propensos a abandonar a igreja ou a permanecer nela espalhando críticas e descontentamento.

Por meio da visitação, do estudo aprofundado da Bíblia, dos pequenos grupos, da formação de líderes e, acima de tudo, pelo poder do Espírito Santo, sejamos agentes de discipulado. Deus e Sua igreja precisam de nós! ■

“
**Formar
discípulos
sem a devida
maturidade
espiritual é
um grande
retrocesso.**
”



CONTEÚDOS QUE
NUTREM A FÉ
DA FAMÍLIA.

